

# ANTOLOGIAS DO ELAM

VOLUME 2



Melissa Soares Medeiros  
Dulce Maria Sousa Barreto  
Raquel Lima Sampaio

# ANTOLOGIAS DO ELAM

VOLUME 2



Fortaleza  
2023

Antologias do ELAM 2º volume © 2023 by Melissa Soares Medeiros,  
Dulce Maria Sousa Barreto e Raquel Lima Sampaio

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora do Centro Universitário Christus

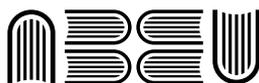
R. João Adolfo Gurgel, 133 – Cocó – Fortaleza – Ceará

CEP: 60190 – 180 – Tel.: (85) 3265-8100 (Diretoria)

Internet: <https://unichristus.edu.br/editora/>

E-mail: [editora01@unichristus.edu.br](mailto:editora01@unichristus.edu.br)

Editora filiada à



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

**Elaboração de Capa e Supervisão Visual**

Melissa Soares Medeiros

CENTRO UNIVERSITÁRIO CHRISTUS

**Reitor**

José Lima de Carvalho Rocha

**EdUnichristus**

**Diretor Executivo**

Estevão Lima de Carvalho Rocha

**Conselho Editorial**

Carla Monique Lopes Mourão

Edson Lopes da Ponte

Elnivan Moreira de Souza

Fayga Silveira Bedê

Francisco Artur Forte Oliveira

César Bündchen Zaccaro de Oliveira

Marcos Kubrusly

Régis Barroso Silva

Carine dos Santos Silva - Bibliotecária – CRB-3/1673

M488a Medeiros, Melissa Soares.

Antologias do ELAM [recurso eletrônico] / Melissa Soares Medeiros, Dulce Maria Sousa Barreto, Raquel Lima Sampaio. - Fortaleza: EdUnichristus, 2023.

142 p. - v. 2.: il.

21,91 MB; E-book PDF.

ISBN 978-65-89839-47-7

1. Medicina. 2. Antologias. 3. ELAM. I. Barreto, Dulce Maria Sousa. II. Raquel Lima, Sampaio. III. Título.

CDD 610.808

# ANTOLOGIAS DO ELAM

VOLUME 2

## ORGANIZAÇÃO E AUTORES

Melissa Soares Medeiros

Dulce Maria Sousa Barreto

Raquel Lima Sampaio

## AUTORES

Danielle Oliveira Costa de Souza

Gabriel Nojosa Oliveira

Gabriel Romão Mesquita do Nascimento

Giulia de Carvalho Firmino

Isabella Araújo Duarte

Lara Farias Lustosa da Costa

Lucas Barbosa Sampaio

Luiz Gerson Gonçalves Neto

Maria Clara Alves Nogueira

Marília Carolina Paiva Florêncio

Manuella Mendonça da Silva

Thaynã Albuquerque da Silva

Thiago Belmino

# elã

## Significado de Elã

*substantivo masculino*

**Entusiasmo;** sentimento vivaz que motiva alguém a fazer alguma coisa.

**Impulso;** movimento que ocorre súbita e espontaneamente: o elã da paixão.

**Vivacidade;** expressão calorosa, amorosa, vivaz: falava com elã; elã político.

**Inspiração;** criatividade ou suspiro criador: o elã do poeta.

**Gesto carinhoso,** afetuoso, extrovertido: comunicava-se com elã.

**Elã Vital.** Filosofia. Princípio que explica a evolução da vida nas suas mais variadas formas.

Etimologia (origem da palavra elã). Do francês *élan*.

# Sumário

1	Prólogo	6
2	Introdução: uma breve viagem pela turma 2	9
3	Personagem que interpretaria	27
4	O médico paciente	40
5	Um olhar diferente pela câmera do meu celular	61
6	Cinema e pipoca, uma combinação perfeita!	77
7	Noite das artes e seu significado	90
8	Qual sua obra de arte preferida?	118
9	Qual o meu elã?	131
10	Primeira mostra de arte do elam	138

## PRÓLOGO

**C**omo sua homófona já traz no significado, o ELAM não parou na primeira edição. Sobrevivendo à maior pandemia do século, a semente do ELAM começou a trazer novos frutos. Apesar de todas as dificuldades, as professoras que abraçaram esse desafio encontraram sua resposta nos olhinhos brilhantes e cheios de sonhos que se inscreveram para formar a segunda turma.

Com o propósito de manter a arte em suas diversas manifestações, nossos encontros foram ricos para o intelecto e recompensadores para a alma. As aventuras dessa turminha ultrapassaram inclusive os muros da faculdade, porque estávamos cansados das paredes impostas pelo cotidiano do ritmo de estudo. A alma não pode ser aprisionada.

Entre leitura e discussões de livros, sessão de cinema com direito a pipoca, aulas incríveis de teatro, visita a museus e nossa famosa “noite da pintura”, as sementes brotaram e a raiz foi se fortalecendo dentro do grupo.

Em 7 de dezembro de 2021, aconteceu o primeiro encontro da turma 2 do ELAM. Uma noite para trocar expectativas e aspirações. A arte sempre atrai pela curiosidade inata do ser humano, mas o que nos faz persistir nela é a capacidade de se conectar com o outro. Como explorar essa conexão é um dos principais objetivos dessa jornada. Já partimos de um princípio comum entre os estudantes que nos buscam, a sensibilidade. Aquele que não consegue aprender a olhar a arte com emoção, a se entregar à imaginação do outro, não consegue se conectar de verdade. Portanto, emoção é o que define o principal critério para adentrar nessa jornada que faz o ELAM.



Foto: 1º encontro, saindo da pandemia e ainda usando máscaras.

INTRODUÇÃO: UMA  
BREVE VIAGEM PELA  
TURMA 2

2

## INTRODUÇÃO: UMA BREVE VIAGEM PELA TURMA 2

**A**pós o primeiro encontro, já veio o desafio de se colocar no papel do outro. Que outro? O próprio doente. Assim, escolhemos como primeira leitura o livro ‘O Médico doente’, do Drauzio Varella.

Aproveitamos também para nos apresentar e falar um pouquinho sobre quem somos, vindo o desafio de se apresentar através de uma tirinha de revista. Esse foi o primeiro passo para abrir a janelinha da alma. Alguns alunos fizeram um trabalho incrível e vou apresentá-los agora:

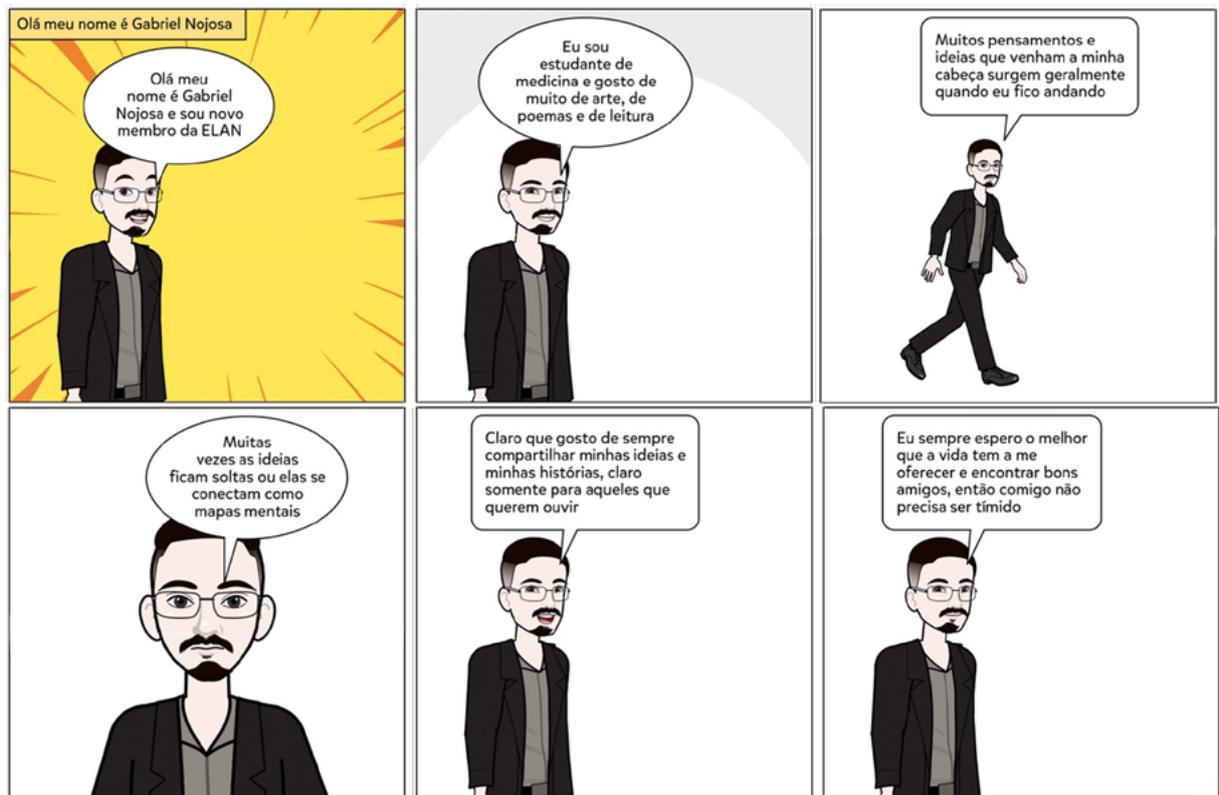
### Tirinha da Danielli



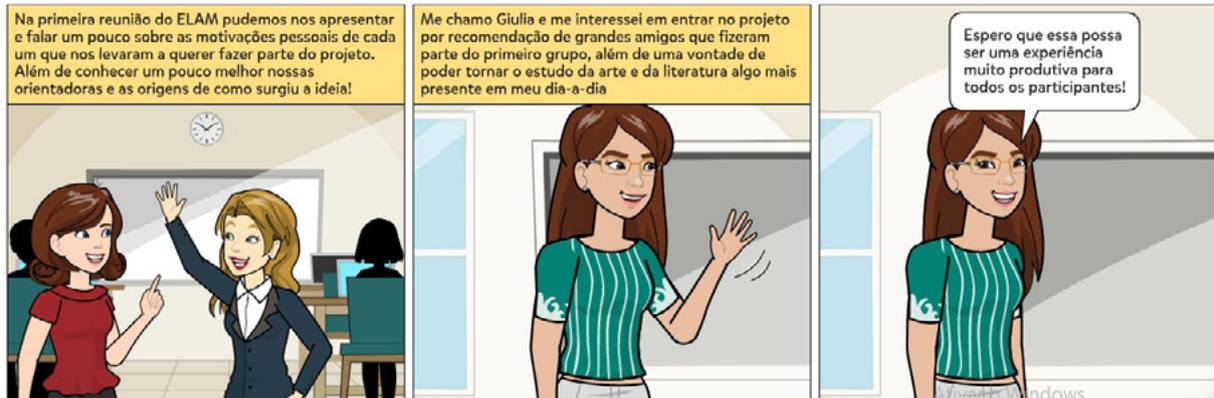
## Tirinha do Gabriel



## Tirinha do Nojas



## Tirinha da Giulia



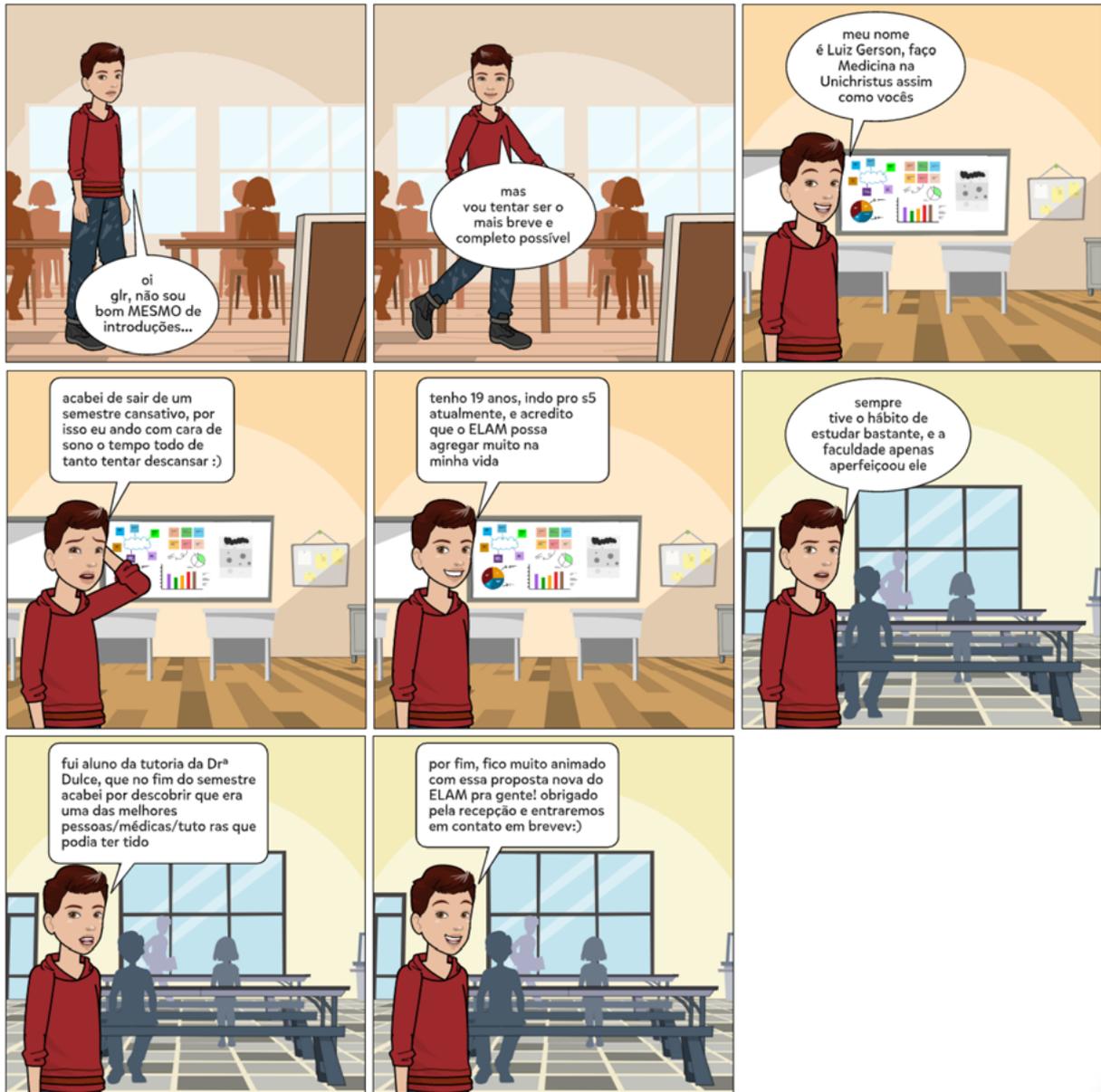
## Tirinha da Bella



## Tirinha Lucas



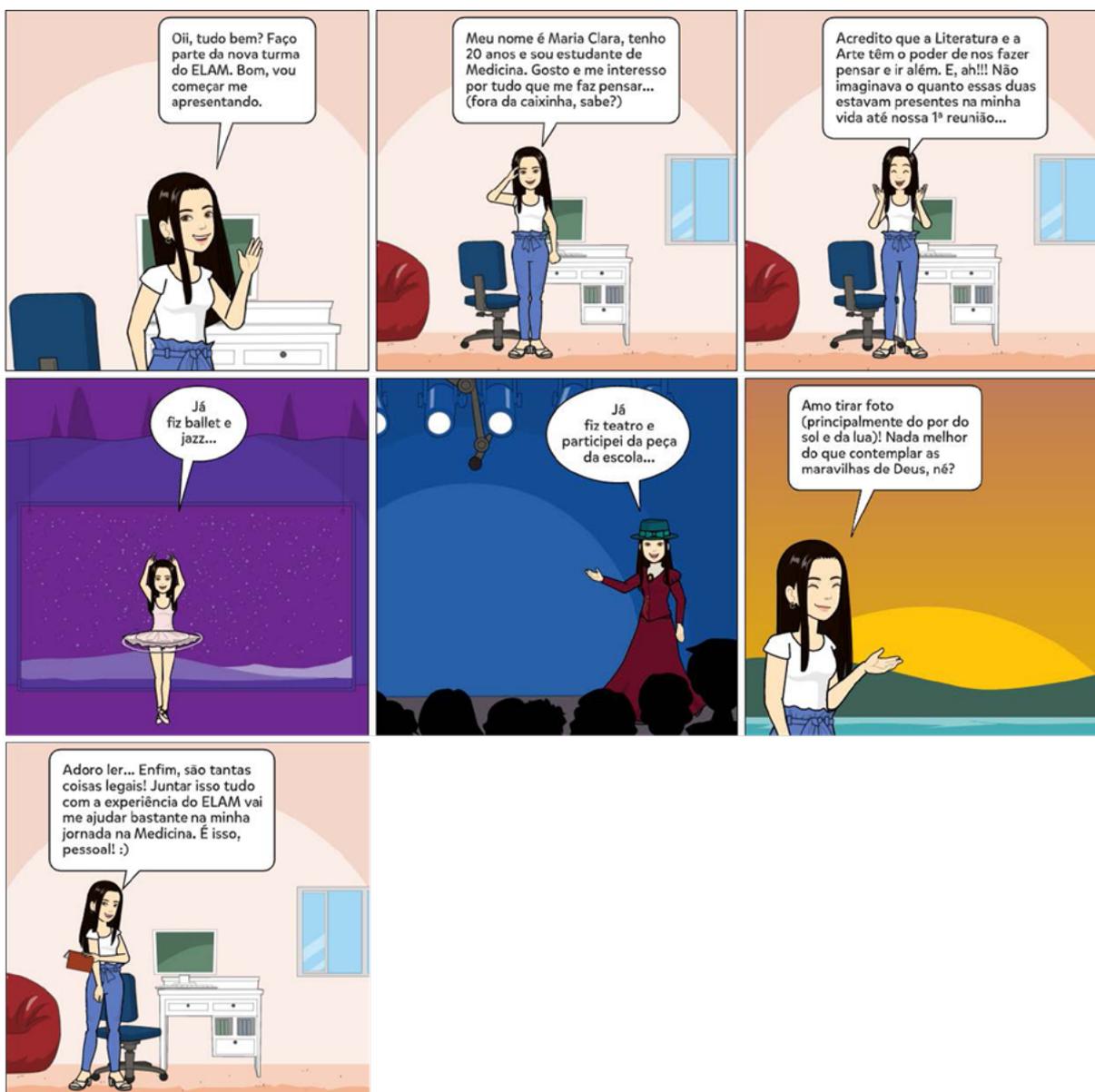
## Tirinha do Gerson



## Tirinha da Lara



## Tirinha da Maria Clara



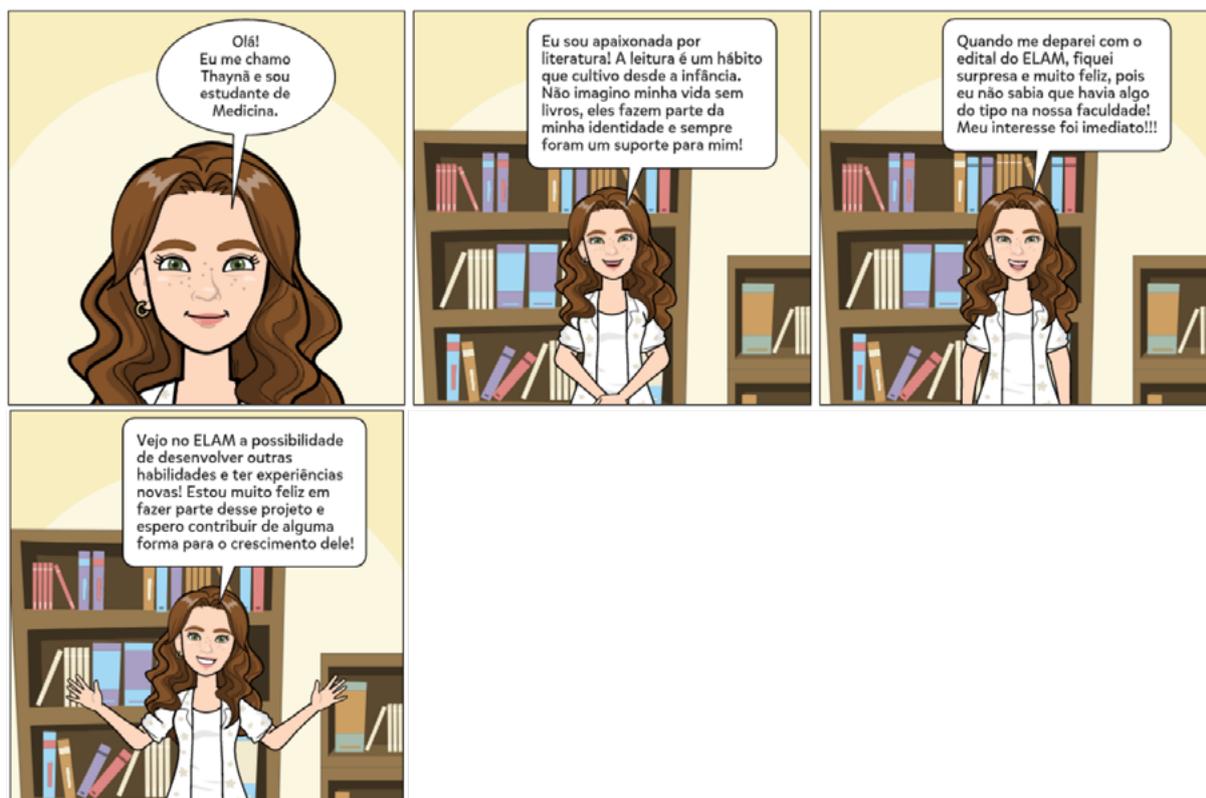
# Tirinha da Marília



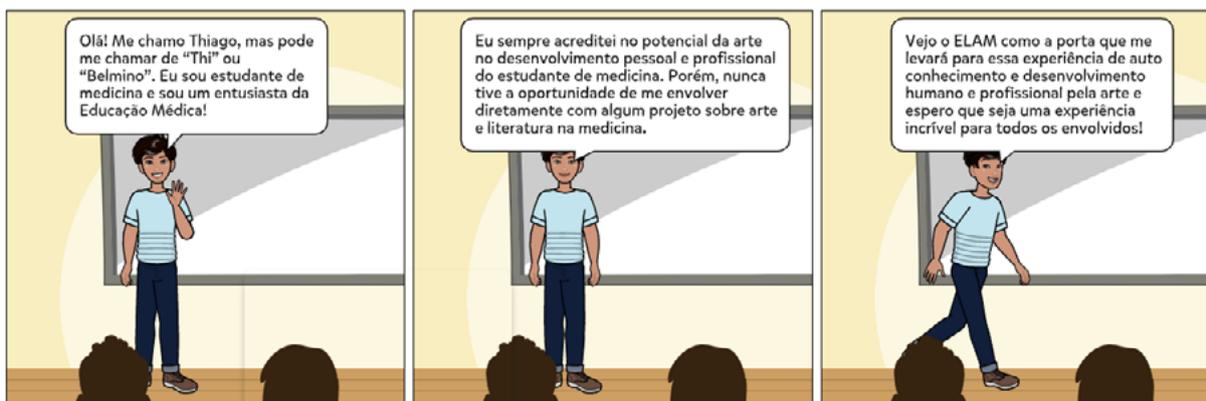
# Tirinha da Manu



## Tirinha da Thainã



## Tirinha do Thiago



Nosso segundo encontro foi logo depois, com a presença ilustre do Dr. Lauro Perdigão, no dia 21/12/2021. A conexão entre Medicina e Arte acontece todos os dias, mas algumas pessoas são dotadas de uma sensibilidade mais profunda, capazes de ensinar a abrir sua alma para o mundo. Um desses seres iluminados se chama Lauro, infectologis-

ta e doutor em microbiologia pela USP, mente brilhante e inspiração profissional para muitos jovens infectologistas no Ceará, e por que não estender para o restante do Brasil. Na época, já diretor do Hospital São José, referência em doenças infecciosas do Ceará. Mas... pera aí, estávamos falando de arte. Pois é, acontece que o Dr. Lauro também é ator, e de teatro, com certificação. Isso mesmo! Ele não veio dar aula de infectologia, ele veio dar aula de teatro para os alunos. E essa primeira aula trouxe um grande presente para o ELAM. Trouxe o Luiz Eduardo, que ganhou um concurso de escrita, na categoria versos, no congresso da Sobrames (Sociedade Brasileira de Médicos Escritores) que aconteceu no ano anterior, enquanto ele fazia parte da 1ª turma do ELAM. Foi um momento muito importante na vida dele, pois confessou que tinha dificuldades em escrever durante a juventude, tendo TDAH.

E nesse dia, o Prof. Lauro trabalhou um poema escrito pelo Luiz Eduardo:

“Certo dia  
Uma tal de chapeuzinha  
Andava sozinha em uma trilha  
Indo para casa de sua vóinha  
Toda maquiadinha  
Parecia até uma palhacinha  
Mal sabia a pobizinha  
Que no final da linha  
Um lobo conheceria  
Sua vó em uma historinha  
Um cordel lhe contaria  
Sobre uma lobinha  
Que cantava, dançava e sorria  
Com porquinhos se divertia

Se orgulhava quando ria  
Ficava toda amostrada  
Com os dentões que carregava  
Principalmente nas comemorações  
Era só gargalhada  
Ela se orgulhava  
Que só o seu fôlego sustentava  
As notas mais afinadas  
Em meio das canções  
Animava os corações  
Ficava até o final  
Para encerrar com chave de ouro  
Com um único sopro  
Apagava as velas do bolo

Coitadinha da chapéu  
Fôra devorada pela poesia  
Sua vida para sempre mudaria  
Sua alma à arte pertencia  
Teatro, música e pintura  
Ela chamaria de família  
Um “felizes para sempre”  
Sem príncipe encantado  
Para se fazer de coitado  
Um parceiro infinito  
Muito sábio  
Lhe era mais do agrado  
Sua melhor companhia  
Com ele, não andaria sozinha

Em sua cesta  
Livros carregaria  
Indo para sua avó  
Para vê-la sem dó  
Ser devorada por mais uma lobinha

Luiz Eduardo Fernandes Lima



Foto: Emoção... emoção que extravasou.

Mesmo com tantas emoções e o calor humano, nem sempre foi fácil... nosso próximo encontro precisou ser online devido ao aumento nos casos de Covid-19, no dia 18/1/22. Mas, embora com todas as atenções voltadas para a Medicina, encontramos um espaço para não deixar nossa conexão cair. Nesse momento discutimos o livro indicado, falamos sobre a fragilidade humana e a necessidade de construir a empatia entre médico e paciente. Como o relato do **Gabriel Nojosa**:

“ Esse livro prova que a experiência é a melhor forma de empatia que um médico pode demonstrar. Tanto que em algumas experiências do livro, ele mostra algumas atitudes de enfermeiras ou de outros médicos que procuram tratar a doença e não o próprio doente em si, não perguntando o que ele sente ou o que ele acha de tudo ou qualquer amargura que ele esteja sentindo para demonstrar a sua forma humana como doente. No relato, ele afirma ser ateu e se impressionar mais com as ideias de Charles Darwin sobre a origem da vida, se maravilha pela sua racionalidade e suas evidências que comprovam a sua teoria. Entretanto, uma cena muito marcante foi o fato de que ele se maravilhou quando um amigo seu resolveu fazer uma promessa para que ele se curasse, mas, para um ateu, o médico doente se maravilhou muito e ficou bastante feliz pelo gesto do seu amigo. Acredito que o que emocionou não foi o fato de fazer uma promessa a um ser divino e, sim, um ato carinhoso que muitas vezes o médico estava sentindo falta de outros profissionais de saúde que o atendiam. Isso levou a uma reflexão sobre como podemos ver que uma pessoa simples pode fazer a diferença para uma pessoa sem necessariamente entender das causas médicas.”



Foto: encontro on-line.

Lançado o desafio de ler: ‘Humanidade’ de Rutger Bregman.

No encontro do dia 15/02/2022, tivemos um novo convidado surpresa: Dr. Demetrius Montenegro. Também infectologista brilhante, colega de Pernambuco, amante das viagens e da arte de fotografar. A aula foi online sobre “Fotografia”. Lançando mais um desafio para essa turminha: encontrar uma fotografia com personalidade, única e criativa.

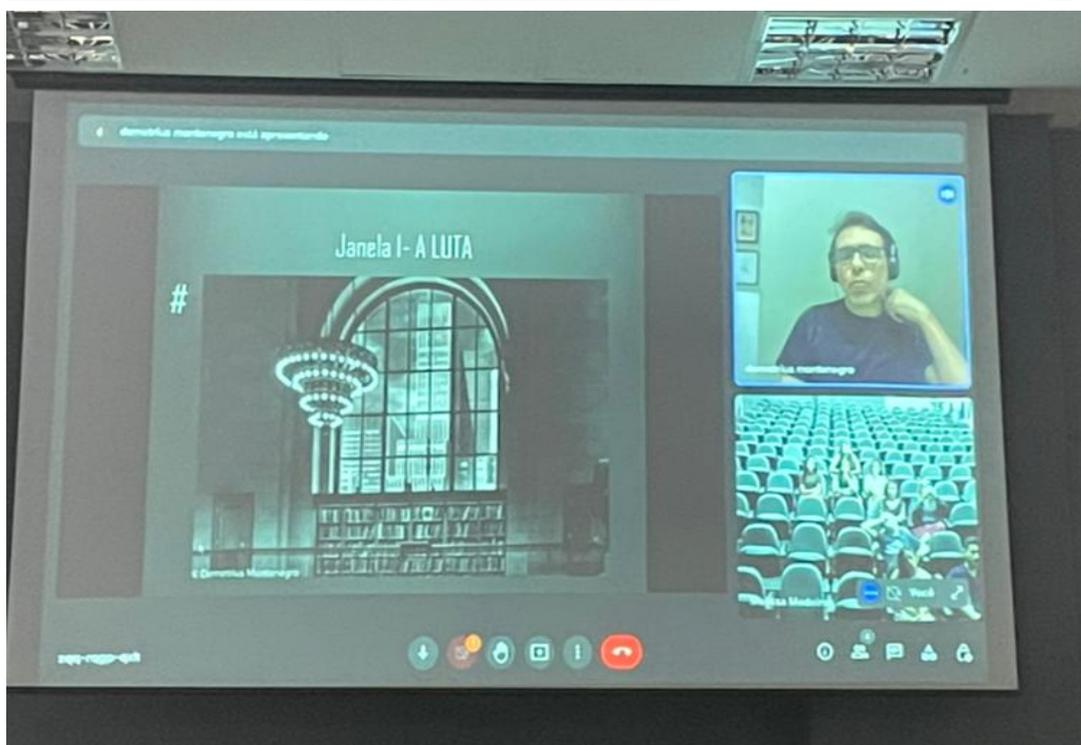


Foto: Aula on-line do Dr Demetrius Montenegro.



Fotos: aulinha com Prof. Demetrius Montenegro e desafio da Fotografia.



Fotos: momento apaixonante com Dr Lauro Perdigão.

Nas reuniões seguintes, lemos ‘Humanidade’ em partes, e no dia 19/04/2022 tivemos nossa sessão de cinema para assistir: ‘O Senhor das Moscas’. O que aconteceria se não tivéssemos leis para viver em sociedade? A discussão foi riquíssima e recomendo que todos o assistam. Precisamos aprender a questionar nossas atitudes e questionar aqueles que nos impõem verdades absolutas, como a descrição da humanidade por William Golding.

Todos amaram o Lauro, e ele foi convidado diversas vezes para nossas reuniões.



Foto: presença ilustre.

No dia 27/06/2022, tivemos mais uma noite incrível, onde com noções básicas de aquarela, a turminha soltou a criatividade. Ainda não consegui fazer a Prof. Dulce arriscar umas pinceladas, mas quem sabe? Ainda teremos outras turmas no futuro.



Fotos: noite de pintura em aquarela... deixando a criatividade solta.



Foto: quando o coração e a mente se unem para criar.

No dia 23/09/2022, resolvemos fugir dos muros da faculdade e visitamos o MIIIIIISSS (Museu de Imagem e Som do Ceará). Com uma proposta bem interativa e moderna, abriram as portas para essa turma que se divertiu muito. Construimos lembranças e conexões que o tempo não apagará.



Foto: Visita no MIIIIIS.

PERSONAGEM QUE  
INTERPRETARIA

3

### 3

## PERSONAGEM QUE INTERPRETARIA

**S**e você decidisse virar um ator/atriz, qual personagem você gostaria de interpretar no teatro ou cinema? Por quê? Com tantos momentos tendo a presença do Prof. Lauro Perdigão, não podemos deixar de lá a imaginação e com ela a possibilidade de também virar ator ou atriz. E se fosse possível... qual seria sua escolha? Alguns alunos responderam a esse desafio.

## Lucas Barbosa Sampaio

Em um cenário de incontáveis personagens marcantes na história do teatro e do cinema, árdua é a tarefa de escolher apenas um que eu gostaria de interpretar. Dentre inúmeras opções, sendo uma melhor do que a outra, no entanto, logo se destacou esse que acompanho desde criança: Sherlock Holmes.

Eu era ainda um garotinho quando tive meu primeiro contato com esse clássico personagem da literatura mundial. Na época, lia os livros do Sir Arthur Conan Doyle, escritor das histórias do detetive Sherlock Holmes, com grande voracidade e acompanhava qualquer adaptação de suas obras, principalmente as cinematográficas. Sherlock Holmes me conquistou por sua incrível capacidade de desvendar mistérios das formas mais engenhosas que se possa imaginar. Com sua mente aguçada, utiliza nas suas investigações o método científico e a lógica dedutiva com maestria para solucionar casos aparentemente insolúveis, até mesmo para a Scotland Yard, famosa polícia de Londres.

Acompanhado pelo Dr. John Watson, médico veterano de guerra e seu fiel escudeiro, suas investigações são marcadas por momentos de ação e aventura, e sempre apresentam um desenrolar surpreendente. Cada uma de suas histórias tem uma grande reviravolta e um final extraordinário. Dessa forma, ter a oportunidade de viver tantas aventuras, mesmo que apenas interpretando, colocando em ação a famosa massa cinzenta para solucionar mistérios seria simplesmente fantástico.



## **Marília Carolina Paiva Florêncio**

Atuar e exercer a Medicina têm algo muito importante em comum. Ao sair da sua realidade por meio de uma personagem, é possível praticar o ato de se colocar em um contexto distinto, no lugar de um outro alguém, permitindo-se ter sentimentos diferentes e novas percepções, o que parece muito com o exercício da empatia. Assim, atuar é uma forma de treinar a capacidade de ser empático. Se eu fosse participar de uma peça de teatro, gostaria de interpretar Christine Daaé, personagem do romance e musical ‘O Fantasma da Ópera’. A ideia de atuar e cantar ao mesmo tempo é encantadora, pois a música exprime sentimentos e desperta sensações que vão além do que somos capazes de conseguir com a fala. Dentre os vários motivos que explicariam a minha escolha, o mais importante deles seria a memória afetiva. Uma das músicas mais marcantes da obra é ‘All I Ask Of You’, a qual foi parte da trilha sonora do casamento dos meus pais, que saíram da igreja ao som da sua versão em português. Assim, desde criança, escutei essa música. Cresci, descobri a versão original em inglês, entendi a sua origem e fiquei curiosa para conhecer a obra. Em 2012, tive a oportunidade de assistir ao musical em Londres. Tudo isso torna essa história muito especial. Vivenciar a arte não é somente sobre descobrir novos sentimentos, mas também é se conectar com aquilo que faz parte do nosso ser.



## **Manuella Mendonça da Silva**

Bem, a personagem que eu gostaria de interpretar se chama Claire Fraser, ou Claire Beauchamp Randall Fraser, da série OUTLANDER. A personagem foge da ideia do padrão ideal e do padrão das perfeições logo na sua infância, quando conta que foi criada pelo seu tio, um ar-

queólogo, que não se importava muito em ensinar a sobrinha a seguir os ‘moldes de uma moça’.

Apesar de viver épocas diferentes durante a série, Claire, aos meus olhos, traz a imagem de uma mulher bastante empoderada, leal a si, que sabe expor suas opiniões sem medo de julgamentos e das consequências destes. Claire não baixa a sua guarda para ninguém, o que, para mim, a torna bastante forte e ousada. Claire é enfermeira e médica, e o que me fascina é a dedicação em tratar cada paciente com tanto conhecimento, acreditando no seu potencial, mesmo quando vários duvidam das suas habilidades.

Não existem estereótipos para Claire. Até seu cabelo cacheado, muitas vezes julgado como ‘aparência rebelde ou desleixada’, não é suficiente para ela se abalar e querer mudar o seu jeito. Ao invés disso, a personagem traz uma lição de amor-próprio que cada um de nós deve sentir, independente de seguir os ‘padrões do momento’, representando como ninguém, o ser mulher.

Claire nos lembra que nem toda mulher precisa ser salva; ela pode ser aquela que vai salvar, que nem toda mulher precisa ser delicada; ela pode ser aquela que toma iniciativa, e que nem toda mulher deve desistir, pois ela pode lutar até o fim pelo que ama.



## **Isabella Araujo Duarte**

Demorei bastante para conseguir me ver em algum personagem do cinema, mas lembrei da Allie Hamilton de ‘The Notebook’. Uma jovem adolescente, que cresceu sendo uma filha exemplar, obediente, inteligente e talentosa, contando com uma família rica e pais rígidos e superprotetores. Ela se apaixona por um jovem que não vivia a mesma realidade

que a sua, sendo, então, proibida de sair ou ter algum relacionamento amoroso com ele. Os anos passam, após a Segunda Guerra Mundial, ela reencontra o mesmo rapaz, agora em outro momento de sua vida, mas percebe que, apesar de difícil, ela precisa de coragem para tomar uma decisão e viver o seu grande amor por Noah, que nunca teve fim. O que mais me emociona no filme e na personagem é o fato de pensar que ainda exista amor puro como o de Allie por Noah (e vice-versa), mesmo diante de tantos relacionamentos conturbados e deturpados no conceito de amar que vemos hoje, em que se ama o ter e não o ser, ama-se o status, ama-se a capa e não a alma, ama-se a aparência e não a personalidade. Allie me representa bastante na sua coragem de tomar uma decisão que, apesar de arriscada, foi crucial para a sua felicidade durante muitos anos.



### **Thaynã Albuquerque da Silva**

Que pergunta difícil. Travei uma luta com a minha memória para poder elencar as diversas personagens incríveis que já conheci. Criaturas complexas ou até mesmo rasas, mas que me marcaram e me ensinaram de alguma forma. No fim, quando já estava cansada, a escolhida foi uma personagem que não gosto, de uma obra que também não sei se gosto, mas nutro carinho por conta de uma música. A personagem em questão é Catherine Earnshaw, de ‘O Morro dos Ventos Uivantes’, escrito por Emily Brontë.

Catherine era difícil e odiosa. A maioria de seus comportamentos girava em torno de egoísmo, manipulação e desespero. Queria ser amada, mas não sabia amar, desejava, mas não sabia o que e como desejar. É inegável que seu amor por Heathcliff era genuíno, mas seu comportamento contribuiu para a ruína do relacionamento deles e para o fomento do sentimento de vingança de Heathcliff (que já tinha uma história trágica

de rejeição e abusos, coitado). Catherine era, de certa forma, a base do caos, do ódio, da rejeição e da vingança que permeiam a obra. O esforço para ter empatia por ela é absurdo. Apesar disso, admito que respeito algumas características dela. Era uma mulher impetuosa e atrevida, que transgredia as tradições. Ser assim, durante a Era Vitoriana, em uma sociedade marcada pelo patriarcalismo, consistia em um ato de coragem.

Por mais contraditório que seja, o meu desejo de interpretá-la vem justamente da antipatia que sinto pela personagem. Gostaria de poder vivê-la, mergulhar em sua complexidade, para ver se assim, eu consigo fazer as pazes com ela.

**Obs.:** A música é ‘Wuthering Heights’ da cantora britânica Kate Bush. Sempre que eu escuto, quero ler o livro de novo, porque não é possível que eu goste tanto de uma música e não goste da obra que deu origem a ela.



## **Giulia de Carvalho Firmino**

Em uma interface entre cinema e teatro, acredito que gostaria de interpretar a personagem Phoebe da série de televisão americana Friends. A personagem é uma construção interessante, a meu ver, pois inicialmente se apresenta ao público como uma personagem boba e até mesmo ingênua, mas que, com o decorrer da trama, demonstra imensa sagacidade em resolver problemas de cunho prático, além de ter excelente desenvoltura com as relações interpessoais e questões emocionais. Durante a narrativa, à medida que vamos conhecendo as camadas construídas, também conhecemos a verdade com relação ao seu passado trágico, da perda da figura materna ainda adolescente, seguida por tempos difíceis em situação de rua. Isso, em contraste com sua identidade visual alegre e

seu otimismo, demonstra sua resiliência em ressignificar suas questões e traumas com uma inteligência emocional muito bem desenvolvida. Por todo o contexto envolvido, além da maneira leve e bem-humorada que a personagem traz para a série, me faz acreditar que, além de extremamente difícil de ser realizado, seria algo muito recompensador e interessante de me colocar no lugar dentro de uma encenação, principalmente pela admiração pela veia cômica e por me identificar muito nesse lugar.



### **Lara Farias Lustosa da Costa**

A personagem Claire Randall da série medieval ‘Outlander’ me fascina, pois trata-se de uma enfermeira da Segunda Guerra Mundial que acidentalmente descobre um portal e acaba viajando no tempo para a Escócia no ano de 1743, onde vive momentos desafiadores ao exercer sua profissão, pois é vista pela população como uma bruxa. Apesar disso, não deixa de cumprir sua missão em cuidar e defender principalmente os vulneráveis, além de realizar tratamentos à frente desta época, curando pessoas.

Além disso, a série mostra as dificuldades e violências sofridas por ser mulher e sua luta como ser participativo na sociedade. Juntamente com toda a trama, a personagem ainda vive dois romances, um no seu tempo, onde vive um casamento calmo e sem filhos, e outro no século 18 com um jovem por quem se apaixona e vive um amor com toda a paixão e euforia, mas com a maturidade de sobreviver às barreiras, principalmente do tempo, pois engravidou do amado e por estarem vivendo uma batalha entre a Escócia e a Inglaterra, necessitou voltar para o seu século para a sua segurança e do bebê, onde precisou da compreensão, aceitação e ajuda do marido para criar sua filha.

Apesar de todo esse sofrimento e perda, reconstruiu sua vida com seu marido e filha, dedicando-se à sua profissão de cuidar, formando-se em medicina. Após 20 anos, com a perda do marido e maioridade da filha, decide contá-la sua verdadeira história e seguir o seu coração, voltando para o século à procura de seu amado e com novos conhecimentos e tratamento acerca das doenças da época.

Por isso, além de ser apaixonada pelas roupas de época e a antiga medicina, a personagem forte, batalhadora, apaixonada e sempre em busca de cuidar e fazer o melhor por quem precisa. Viver essa realidade e essa medicina, mesmo que de forma fictícia.”



### **Luiz Gerson Gonçalves Neto**

Se eu fosse um personagem, e acredito que seria certamente o diretor: sempre tive a facilidade de abordar diversas características que abrangem esse papel. Acredito que o cineasta é justamente quem selecionará os profissionais que irão compor todo o time de uma produção de cinema (cinematografia): diretor de arte, fotografia, som etc.

Ainda, sendo encarregado de elaborar a tal da ‘proposta de direção’, que define as diretrizes de cada área do filme. Esse é o ponto, em toda a minha vida, fui muito cobrado. E, por mais que isso pareça algo ruim, me fez ser mais forte e aguentar mais provações e desafios que perpasso hoje. Problemas tanto pessoais, acadêmicos ou familiares que tenho, e hoje consigo ter a maturidade de resolvê-los de forma mais eficiente do que não o faria se não tivesse passado por certas situações no passado.

Desde que participei do Ensino Médio, represento a escola em festivais, projetos de classe e sempre que posso participava das comitativas inter-classe. Não gostava de ter o nome, eu gostava de ter a responsabilidade. Gostava do risco. Quando entrei ao Ensino Superior, não foi

diferente: Centro Acadêmico, líder de turma, presidência de liga acadêmica, gravação de vídeos para o marketing, etc. Sempre tentei almejar o melhor de todos, de ter contatos, de ter amigos e gostei de me sentir bem com isso. Importei-me com todos, fazia o possível para que todos se sentissem bem. Acho que a direção de um filme me representaria melhor.



### **Thiago Belmino**

É uma pergunta difícil para mim. Já desejei interpretar vários personagens, principalmente aqueles com uma personalidade visivelmente construída com diversas camadas, ou vilões. Ah! Eu tenho fascínio pelo vilão da história. Isso não quer dizer que sou do «lado das trevas» ou um mau-caráter. Na verdade, isso quer dizer que admiro como podemos conhecer o pior do ser humano, mas também o melhor. Todo mundo vê algum traço de algum vilão em você. As pessoas se conectam muito facilmente com algum contexto de vilania. Mas ficamos confortáveis em julgar, rir e atacar vilões, mas quando falamos de anti-heróis é que os conflitos vêm à tona. Porque não tem para onde fugir, pois se as pessoas se identificam com vilões, agora com anti-heróis é como se estivesse vendo um documentário real, pois aí percebemos que o mundo foi construído por anti-heróis. Interpretar um vilão ou anti-herói é um grande desafio, mas que sempre me atraiu. Sentir-me-ia maravilhado interpretando um anti-herói revolucionário ou Terrorista, que usa uma máscara de Guy Fawkes (verdadeiro anti-herói do século 16). Imagina o intenso fluxo de conhecimento que se conquistaria interpretando uma personalidade como essa? Sem falar da euforia e do conflito atrativo que se enfrentaria para um autoconhecimento mais profundo e libertador.



## **Danielle Oliveira Costa de Souza**

Quase não consigo pensar e ter certeza sobre quem gostaria de interpretar! Acredito que me identifico com as heroínas que sofrem por amor, como Jo March de ‘Adoráveis Mulheres’, Elizabeth Bennet de ‘Orgulho e Preconceito’, Mary Keaton lindamente interpretada por Emma Thompson em ‘Vestígios do Dia’, e mais remotamente com Scarlett O’Hara de ‘E o Vento Levou’. Mas, por quê? Porque ficaram gravadas na minha memória, porque me emocionam quando assisti pela primeira vez e em outras vezes que reassisti, porque me identifico com o sofrimento em silêncio que elas esboçam, porque acho uma bela história de amor me faz feliz, porque assim como elas também calo meus desejos em prol do bem coletivo.



## **Gabriel Nojosa**

O personagem que eu queria ser, se pudesse estreiar no cinema, seria o agente secreto mais famoso do cinema: James Bond, agente 007 do MI6 do serviço secreto britânico e comandante da Marinha britânica de sua majestade. A pergunta é: por que eu escolheria ser esse personagem em questão?

Quando eu era pequeno, especificamente quando eu tinha 5 anos de idade, joguei um dos meus primeiros videogames: 007 GoldenEye. Foi assim que eu conheci um dos meus super-heróis: James Bond. Ele é um espião do serviço secreto de sua majestade e está sempre espionando informações do bloco rival do ocidente: a União Soviética. Essa foi a principal razão de sua criação, mas, após a mudança para o novo mundo, ele precisava ser reinventado para os tempos modernos.

Mas, por que muitos homens querem ser iguais a ele? Primeiramente, ele é considerado um futurista porque, em todas as missões, ele

utiliza tecnologias modernas desenvolvidas pelo laboratório de pesquisa britânica para escapar das emboscadas e realizar os objetivos de sua missão de espionagem. Desde que entrei na faculdade, sempre gostei de usar equipamentos eletrônicos, dispositivos móveis, redes sociais e outras tecnologias para melhorar meu aprendizado. Isso é algo muito relacionado a minha pessoa e meu modo de resolver problemas, assim como James Bond para se livrar de encrencas.

As missões que 007 é enviado para são realizadas em diferentes países ao redor do mundo. Cada filme e cada livro que é lançado se passa em um país diferente que ele precisa investigar. Por exemplo, no livro *Goldfinger*, ele é enviado para impedir uma grande invasão no Fort Knox nos Estados Unidos; no filme *Octopussy*, viaja para investigar um magnata residente na Índia que está planejando criar uma explosão nuclear em Berlim Ocidental e impulsionar uma invasão soviética em toda a Europa Ocidental; e, no livro *Only Live Twice*, ele é enviado para investigar seu maior vilão, Ernst Stavro Blofeld, chefe da organização Spectre, no Japão. Todos esses momentos acontecem em países diferentes, e à medida que James Bond investiga, ele aprecia os momentos culturais, arquitetônicos e ideológicos de cada país, sem perder o foco em seus objetivos. Sempre foi um sonho poder viajar para todos os países e conhecer cada cultura que eles oferecem.

Terceiro e mais característico dele é o fato de que, em cada novela de James Bond, ele sempre fica com uma mulher diferente no final. Não podemos negar que ele é mais conhecido por sua habilidade com as mulheres. Em cada livro e filme, ele tem uma mulher especial com quem interage e consegue fazê-la se apaixonar por ele no final. O desejo de todo homem é ser o sonho de muitas mulheres, e James Bond consegue realizar isso da forma como muitos homens gostariam de fazer. Essa seria uma habilidade muito agradável de se ter para aproveitar os

momentos da vida e viajar ao redor do mundo.

Um espião que vive de aventuras, de viagens internacionais e de mulheres leva uma vida cheia de adrenalina. Para estudantes que vivem uma rotina, muitas vezes procuram uma vida de aventura como essa para dar mais emoção à sua rotina. Essas aventuras marcam a vida de qualquer um, assim como todos os filmes do 007 marcam aqueles que sempre apreciaram seus filmes.



# O MÉDICO PACIENTE

4

## O MÉDICO PACIENTE

**B**aseado na leitura do livro ‘O Médico Doente’, foi pedido aos alunos que descrevessem um episódio em que foram pacientes, colocando-os numa situação de vulnerabilidade, do outro lado do balcão das decisões.

### **Isabella Araujo Duarte**

É muito comum, durante a faculdade de medicina, surgir uma identificação com certas doenças e pacientes que acompanhamos. Entretanto, sabe-se que é bem diferente viver isso no papel de médico/estudante e no de doente. Dito isso, lembro-me de quando tive a primeira e mais marcante experiência de adoecimento próprio. Eu tinha por volta de 12 anos, morava com meus pais, que são médicos, e irmãos. Normalmente, quando adoecíamos, meus pais sempre cuidavam e prescreviam os medicamentos adequados. Dessa vez, estava com uma infecção urinária, não conseguia me alimentar de quase nada, estava bem emagrecida, com febre e sem energia para ir à escola. Foi quando decidiram iniciar o tratamento com antibiótico e colher alguns exames de sangue. O esperado era que eu melhorasse ao longo das horas e dias, mas não foi o que aconteceu, pois quando eu tomava o antibiótico, eu vomitava. Quando meus exames de sangue foram liberados, eu estava com uma leucocitose com neutrofilia grave. Isso acendeu um alerta e preocupação, e rapidamente

meus pais decidiram me internar no Hospital Luís França. Vi muitas pessoas passando por situações parecidas ou até mesmo mais delicadas que a minha. Senti medo, angústia, não entendia muito o que estava acontecendo, mas o que me tranquilizou foi o acolhimento do médico, enfermeiros e funcionários do local.



### **Giulia de Carvalho Firmino**

Acredito que todos nós já tivemos essa experiência de estar do outro lado do balcão, com as mãos geladas, a cabeça vazia e o coração cheio de angústias. Algumas situações mais ou menos graves, alguém mais ou menos próximo de você e, por vezes, até você mesmo. Nenhuma situação me marcou mais do que a que quero relatar aqui hoje.

Sempre tive o costume de me reunir para almoçar com minha família e como mais um domingo normal, estávamos ali todos reunidos, meus pais, minha irmã e meus avós. Meu avô sempre foi um figurão, muito bem-humorado, bebendo sua coca-cola e contando as histórias de como tinha saído do sertão do Rio Grande do Norte para tentar a vida em Fortaleza. Era nosso pequeno ritual almoçar e voltar à sala de estar para assistir televisão e conversar.

Ao término da refeição, nos recolhemos como de costume para descansar. Neste dia fomos eu, minha irmã e meu avô para aguardar a sobremesa. Ficamos conversando os três durante um tempo, até que as atenções se dispersaram, um se virou para um programa ordinário da televisão, outro cochilava e um terceiro estava perdido em qualquer atividade menor.

Enquanto minha mãe passava pela sala, falou num tom alarmado: ‘Olhe para o seu avô, ele está estranho?! Isso não pode ser normal!’. O

clima de descontração pairava e olhei calmamente para meu avô, que, próximo a mim, parecia estar dormindo. Como não tinha intenção de assustá-lo, chamei em voz baixa. O pobre homem não poderia tirar um cochilo após a refeição?

Sem resposta. Chamei-o novamente, um pouco mais alto, afinal deveria ter sido muito baixo meu tom de voz. Novamente o silêncio. Assim percebi a postura estranha, um pescoço dobrado para frente, de uma maneira muito desconfortável para qualquer um. Logo soube que algo muito errado estava acontecendo.

Tudo ocorreu no automático, apesar de me lembrar dos minutos angustiantes que passei como se fossem horas a fio. A partir desse momento uma sequência de fatos se sucedeu e alguns sentimentos fortes fizeram-me o favor de recalcar algumas das lembranças, algo como um estado dissociativo, mas que até hoje recordo com lágrimas nos olhos.

Em sequência: Pede ajuda! Liga pro 192! Vem cá por favor, me ajuda a deitá-lo no chão! Foram 20 minutos que acredito que me envelheceram algumas décadas. Ao todo foram 3 ligações para o SAMU, 1 envio de ambulância, 2 episódios de vômitos, 4 boas almas para auxiliar o transporte do homem desfalecido até um carro de passeio e mais 4 dentro do carro até o pronto atendimento mais próximo. E a contagem mais importante, 10 ciclos de reanimação extra-hospitalar.

Até hoje a angústia de sentir as crepitações das costelas me acompanha enquanto tentava realizar o necessário para levar sangue de seu coração sem vida ao cérebro. Durante aquele momento nada mais importava, mas as lembranças ficaram impregnadas no meu cérebro até hoje e não acredito que elas um dia irão me deixar.

Chegado ao serviço de pronto atendimento, 2 médicos plantonistas prontamente nos receberam à porta. No intra-hospitalar a parada foi revertida com 3 ciclos e houve retorno da circulação espontânea. Em

minha inocência achei que a parte difícil haveria terminado.

Fui chamada para conversar com os plantonistas, repassei as informações relevantes o melhor que pude para tentar esclarecer o que poderia ter desencadeado aquele desfecho tão súbito e por pouco tão trágico. Depois de todas as perguntas respondidas, perguntei se poderia ver meu avô. O médico de plantão me alertou sobre a situação daquele momento, dentro de uma crescente de casos e pacientes com insuficiência respiratória lotando todos os leitos possíveis, meu avô estaria no meio deles. Para mim, naquele momento, aquilo pouco importava. Ele autorizou minha entrada e pediu apenas para eu ter cautela naquele ambiente.

No momento que vi meu avô naquele estado, nem toda a adrenalina no mundo seria capaz de tamponar aquele sentimento, me vi chorando ao lado dele. Estava vivo, mas apesar de estar comigo naquele quarto, não estava ali de verdade, em si, sendo o homem íntegro e respeitável que todos conhecíamos. Tomado por uma dor descomunal de ser submetido a tantas medidas traumáticas e invasivas, naquele momento eu presenciei um ser humano no mais puro estado de sofrimento.

Fiquei ali o quanto pude, tentei dar alguma palavra de consolo, tentei dizer que tudo ia ficar bem, que o amava, que tinha muita gente esperando em casa, pedi para que ele pudesse voltar comigo para que comêssemos o bolo que nos esperava, falei incontáveis vezes de minha avó que nos aguardava. Aguardei até a administração da primeira dose de morfina, mas não podia ficar muito mais tempo do que aquilo. A equipe precisava trabalhar, administrar as medicações e queria ter certeza de que ele pudesse ter a melhor assistência possível.

Eu também não era mais capaz de permanecer ali, era muita dor e muito sofrimento, mais do que achei que seria possível presenciar. Após me recuperar um pouco, fui de encontro a meu pai e a meu tio e perguntei se eles desejavam entrar para falar com ele, afinal era o pai deles.

Nenhum dos dois quis, e no final das contas achei uma decisão acertada, quem poderia suportar a visão de um pai tão amado naquele estado?

Foram longas horas de espera, tentamos fazer contato com todos os hospitais possíveis para tentar uma transferência. Logo soube o peso das longas horas de espera e do sentimento aterrador de ter um ente querido seu em um estado tão delicado e estar totalmente impotente frente a isso.

Após muitas horas em espera e inúmeras ligações, conseguimos uma vaga disponível em um hospital cardiológico. Passamos horas a fio, resolvendo pendências e encontramos uma que não conseguiríamos transpor sozinhos. O hospital exigia um teste de COVID negativo. Outra saga se iniciou em busca de serviços que se dispusessem a colher o resultado no local em que ele estava logo cedo pela manhã.

O total da espera foi em torno de 11 horas, 11 longas horas de conversas com a equipe do local, com a assistente social e enfermeiras, uma equipe muito atenciosa e que sentimos que fez tudo o que estava ao alcance naquelas circunstâncias. Próximo à troca do plantão, abordei uma enfermeira da sala vermelha para pedir a autorização necessária para realizar o bendito exame da COVID-19 e tentar agendar o máximo possível o que estava ao nosso alcance. Ela me informou que a movimentação necessária não seria problema, mas pediu para que aguardasse um pouco para falar com o médico responsável. Ela me pediu desculpas pela correria e pela falta de comunicação, pois o plantão estava muito conturbado. Afinal, na troca de turno haviam ocorrido 2 óbitos e 1 transferência, e os profissionais não tiveram tempo de se organizar. Assenti, senti uma sensação incômoda como se algo estivesse errado, sentei-me e esperei.

Estava sentada junto de minha família, aguardando notícias, repassando o que sabíamos para quem tinha ficado em casa. A palavra que reinava era angústia, que tinha como rainha ao seu lado a tristeza. Ape-

sar de toda aquela situação, tínhamos uma esperança muito forte, baseada numa fé quase cega, a transferência era nossa tábua de salvação nesta história. E por ela estávamos aguardando notícias. Até que fomos chamados na sala da assistente social, quantas vezes naquela tarde e noite não entramos naquela sala. Fui acompanhada de meu pai e minha madrasta, nos sentamos os 3 no banco em que nos aguardavam a assistente social do plantão e o mesmo médico que nos recebeu na porta em nossa chegada desesperada que tinha coberto o horário de um colega naquele dia por uma eventualidade qualquer.

Ali naquela sala o sentimento de desrealização voltou até mim quanto aquele médico atencioso estava dizendo que tudo que estava ao alcance tinha sido feito, e que infelizmente nosso ente querido tinha partido. Enquanto prestava suas condolências se mostrou muito preocupado com nosso bem-estar, pois estávamos tão empenhados a fazer todo o possível ao nosso alcance, mesmo que com o mínimo que estava ao nosso alcance, o teste de COVID-19 para aquele gerou um sentimento de urgência em saber se ficaríamos bem.

Meu pai, que chorou desde a primeira palavra daquele bom homem, juntou as forças que o restavam para dizer que era um momento muito difícil para nós, e que sempre fomos uma família pequena, mas com muito amor e que ficaríamos bem no final de tudo. Desejou que toda a equipe fosse abençoada, mesmo não sendo um homem muito católico e se recolheu conosco para que pudéssemos ter um momento mais reservado.

Até hoje me lembro com dor desse momento, mas sempre que o pensamento me assalta me pergunto se essa não foi à única saída possível. Meu avô nunca foi o homem que aceitaria ficar em uma cadeira de rodas com os movimentos limitados ou acamado dependendo de terceiros. Com certeza preferiria ter outro fim, algo rápido e súbito, que o

permitisse ir sem o sofrimento de perder uma parte de si mesmo para alguma doença qualquer. A família que ficou talvez fosse sofrer mais com isso, mas seria a maneira que ele desejava.

Foi uma noite muito infeliz com muitas notícias tristes e muito choro, eu não conseguia decidir o que sentir: o vazio no peito do que tinha acontecido ou o questionamento se tudo aquilo foi realidade, afinal às 11 da manhã tudo estava bem, porque às 11 da noite não estaria tudo bem também? No final das contas estar do outro lado do balcão foi uma das, ou se não a, experiência mais difícil que tive que passar em toda a minha vida. Desde esse dia passei a ver com olhos diferentes os doentes que tenho contato e sempre lembro que por trás de cada doente existe uma vida, uma família e uma história que merece ser lembrada.



### **Luiz Gerson Gonçalves Neto**

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. A taxa de letalidade era em torno de 10%. Meu pai é de altíssimo risco cardiovascular. Nós nos trancamos fortemente em casa a fim de não contrair essa doença que já, em três meses, era chamada de pandemia. Carnaval? Última vez que vi meus amigos. Aniversário? Em casa. Praia? Nem pensar. Mercado? Apenas em casa. Shopping? Óbvio que não. Jantar fora? Que nada.

Passamos por rigorosos métodos de biossegurança. Tempos de solidão assolaram nossa família por longos 8 meses. Aulas on-line, trancados em casa, esperando o Jornal Nacional falar o número de óbitos, anunciar

a tão sonhada vacina. Ano novo? Para pouquíssimos que, na época, eu chamava de loucos que estavam se expondo de forma desnecessária.

Janeiro de 2021 chegou, eu estava com as duas doses de vacina! Aleluia! Estava estagiando novamente! Aulas quase ao normal. Mas pera. Contraí o vírus. Poxa. Bastou uma festinha com 20 amigos.

Nessa hora, não importava as dezenas de pacientes que eu havia tratado no posto com Covid-19, não dava espaço para os mais de 20 artigos que eu tinha lido sobre o tratamento – em constante mudança – do novo coronavírus, mas sim como eu iria aliviar as dores de cabeça e de garganta que me assolavam. Como eu sairia dessa? Estava do outro lado do balcão.

Meu maior medo: transmitir o vírus aos meus familiares.

Realizei o PCR a cada dois dias por 5 dias, todos positivos. A quarentena? Nessa época, 14 dias para todos os casos. Deixei de ser sintomático no 5º dia de doença, apenas com dipirona e cetoprofeno (o ibuprofeno já não era mais o vilão nessa época). Negativou no 10º dia. Fiquei isolado no meu quarto. Dormi sem ar-condicionado, comendo pouco, e emagreci 5 quilos nesse período. Nunca me senti tão mal. Nesse momento, eu me senti do outro lado do balcão – um verdadeiro paciente. Aos poucos, a vontade foi passando e fui entendendo que não deveria me culpar tanto.

Depois, todos lá de casa pegaram e me transmitiram o vírus duas outras vezes. Enfim, ironia. Fui ao balcão três vezes.



## **Lara Farias Lustosa da Costa:**

Há aproximadamente 3 anos, comecei a entrar em uma realidade até então distante para mim: familiares com doenças crônicas. No caso em questão, da segunda pessoa mais importante que já existiu em minha vida: minha avó Ana. Paraplégica há mais de 40 anos, eu tinha na imagem da minha avó o ser humano perfeito, um anjo, alguém extraordinário que, apesar de todas as dificuldades, raramente murmurava. Ela era tratada pelo meu pai, um grande cardiologista que sempre manteve minhas duas velhinhas intactas.

Eis que surgiu uma infecção pulmonar que levou à descompensação da insuficiência cardíaca, levando-nos a interná-la no Hospital São Carlos. Foram longos dias naquela UTI, muitas visitas e dinheiro investido em uma equipe médica para assisti-la mais de perto. Durante essa internação, descobrimos uma neoplasia de cólon que nos tirou o chão mais uma vez, pois um ano antes havia retirado um rim devido a uma neoplasia primária. O seu quadro pressórico instável, o risco de maiores infecções hospitalares e alguns dias de instabilidade hemodinâmica, associados a todo o quadro crônico que já acompanhava a algum tempo, levaram o médico assistente a tirar toda esperança de viver algum tipo de qualidade de tempo com a vovó.

Nos disse algo que já sabíamos, claro, que a sua saúde estava fragilizada pela insuficiência cardíaca descompensada e que, infelizmente, devido à neoplasia e à impossibilidade cirúrgica, ela estaria com prognóstico reservado naquela internação. Apesar de cientes das morbidades, nós familiares víamos o quanto ela tinha vontade de viver e sua lucidez e fortaleza nos faziam pensar o contrário. Ficamos muito desapontados com as palavras ditas e a forma como nos foram dadas aquelas notícias pelo médico. Então, buscamos outro médico para acompanhá-la.

Foi providencial! Um médico brilhante, humano, atencioso, com condutas com as quais concordávamos e que nos deixava à vontade para tirar dúvidas ou dar opiniões. Ele se tornou o médico que a acompanhou por mais de dois anos após o diagnóstico e essa sentença nos foi dada. Entre tantas outras intercorrências, vovó Aninha, com toda a sua resiliência, ainda nos deu o prazer da sua companhia por tanto tempo.

“Sua ausência é presença constante; sua imagem é apenas lembrança; seu carinho é só saudade e o resto é só vontade.” Autor desconhecido.



### **Lucas Barbosa Sampaio**

O ano era 2004. Na época, eu vivia uma vida tão normal quanto a de qualquer outra criança de 10 anos de idade, com uma rotina baseada em ir para a escola, assistir a algum programa infantil na televisão e jogar futebol. No meio da rotina bem previsível da época, algo diferente aconteceu. Em uma terça-feira à noite, comecei a me sentir mal, apresentando náuseas, diarreia e vômitos profusos. Minha mãe, cuidadosa como sempre foi, me deu alguns medicamentos na esperança de que eles fossem me fazer melhorar. Que nada! Dois dias se passaram e os sintomas intensificaram. Recordo que senti também dor na parte de trás dos meus olhos. Todos esses sintomas eram uma verdadeira tormenta para uma criança que gostava de ser ativa e encontrava-se sem força para nada.

Ao constatarmos que os remédios que foram prescritos pela minha mãe - médica pela universidade que é a maternidade - não haviam surtido efeito, procuramos uma unidade de pronto-socorro. Lá, rapidamente o diagnóstico veio: era dengue e, pior, apresentava sinais de gravidade. Em uma decisão conjunta entre minha família e o médico que me atendeu, estabeleceu-se que o melhor caminho para mim seria a internação hospitalar.

Lembro que na época, levado pela ingenuidade infantil, vi aquilo tudo como algo interessante. Era uma criança curiosa entrando em um ambiente novo e, por isso, tinha interesse por tudo: queria entender a dinâmica do local que, afinal, seria minha casa pelos próximos dias. Por causa da pouca idade, eu ainda não entendia a seriedade do meu quadro. Para mim, estava apenas sendo exposto a um novo ambiente que teria que desvendar.

No entanto, não demorou para eu descobrir que aquele lugar não era tão interessante assim. Ficar retido o dia todo no leito de um apartamento de hospital apenas assistindo televisão e recebendo soro na veia eventualmente tornou-se tedioso. Associado a isso, constantemente vinham me furar para colher novos exames de sangue, com a finalidade de acompanhar uma tal de plaqueta que vinha diminuindo.

Recordo que durante minha internação, devido à essa redução do número de plaquetas no meu sangue, me pediram para fazer algo extremamente desagradável: aprender a usar um tal de urinol papagaio para evitar que eu me movimentasse muito. Urinar nesse troço enquanto permaneço sem sair do leito seria uma tortura hoje em dia, imagina com 10 anos de idade. Descobri que era possível sentir falta até da liberdade de levantar-se e ir ao banheiro. Para me livrar da árdua tarefa de urinar nesse recipiente metálico, fiz um pacto com meu avô, que estava sempre por lá: ele me levaria ao banheiro quando eu precisasse e não falaria para ninguém. Que alívio foi esse combinado.

Constantes foram as visitas dos familiares, aliás. Além da presença da minha mãe e do meu avô, que era praticamente contínua, tios, primos, amigos da família e outros apareceram por lá várias vezes e animaram um pouco esse período. Na época posso nem ter me dado conta, mas hoje consigo olhar para trás e reconhecer toda a demonstração de carinho e afeto que esses meus entes queridos tiveram comigo.

Por fim, os dias foram se passando, as plaquetas que estavam baixas nos primeiros dias de internação voltaram a subir e, após o que eu acredito que tenha sido uma semana, o doutor falou que eu estava liberado para ir para casa. Que alegria! Voltei à minha rotina previsível de sempre, que tanto me fazia bem.



### **Marília Carolina Paiva Florêncio**

“O médico que só sabe de Medicina, nem de Medicina sabe” (Abel Salazar).

Essa frase contextualiza muito bem a necessidade do paciente de ser visto primeiramente como ser humano, antes de se tentar aplicar a Medicina tradicional à sua queixa. Hoje, sou estudante de Medicina, mas, por vezes, sou paciente, vulnerável, frágil, com angústias e receios. Já estive no papel do paciente que não se sentiu acolhido e esse tipo de situação envolve muita frustração. Há alguns anos, devido a um quadro de dor de garganta, secreção e muita prostração, compareci à emergência de um hospital privado da nossa cidade. Ao ser atendida, o primeiro detalhe que me tocou foi o fato de o médico não só não olhar nos meus olhos como também não se esforçar minimamente para levantar a cabeça. Além disso, não recebi exame físico. O médico me entregou uma guia na qual solicitava Rx de Tórax. Questionei, de maneira educada e retraída, se era necessário, afinal já fazia Medicina e, pelo pouco tempo de curso, já sabia que exames de imagem são requisitados em segundo plano, após exame físico criterioso, caso este não seja suficientemente esclarecedor. Pela primeira vez, o médico levantou a cabeça, olhou para mim e me perguntou quem era o médico ali. Ao final da consulta, ainda tentei dar algumas sugestões sobre quais medicamentos eu estava mais habituada a tomar em quadros similares. Então ele olhou para mim di-

zendo que, se eu sabia mais do que ele, poderia ser o medicamento que eu quisesse. Ao voltar para a recepção, pedi para falar com o responsável pela equipe médica para reclamar do ocorrido. A pessoa não se encontrava. Saí do pronto-socorro desolada. Além de me sentir extremamente sem energia pelo processo da doença e com dor no corpo, estava indignada e triste. O médico não era jovem. Na verdade, ele tinha uma idade avançada. Isso significa que ele não errou por falta de experiência, mas por falta de empatia. E o mais triste é pensar em quantos pacientes já passaram por ele ao longo de toda a sua prática médica e se sentiram desassistidos como eu. Mais recentemente, já no contexto da pandemia, precisei frequentar a emergência devido a queixas de infecção do trato urinário. O médico que estava fazendo os atendimentos nesse dia não me tratou mal como o outro, porém fez todo o atendimento mexendo no celular. Seu nível de desatenção foi tamanho que ele me entregou a receita do antibiótico sem os seus dados, apenas com a sua assinatura. Eu jamais conseguiria comprar o medicamento nessas circunstâncias. A minha sorte foi ter percebido quando já estava quase indo embora, o que me fez voltar à sala do médico para pedir que carimbasse a receita. Situações como essa me fazem refletir sobre o desamparo que existe dentro dos cuidados de saúde, o que é uma dicotomia. Antes de qualquer atendimento, em serviços organizados, o paciente deve passar pelo que chamamos de “acolhimento”. Será que acolher é só medir os sinais vitais e perguntar as queixas do paciente? Infelizmente, muitas vezes, sim. Cabe a nós, estudantes da saúde, mudar essa realidade, afinal, acolher é abraçar o paciente em sua totalidade!



## **Thaynã Albuquerque da Silva**

“Aqueles que se dobram”.

“Minhas mãos estão doendo”, foi o que falei para minha mãe enquanto pintava as unhas dela. Era abril de 2017, fim de tarde de um domingo qualquer, e eu estava seguindo o curso ordinário do meu dia, quando uma dor inesperada nas articulações das mãos surgiu para atrapalhar meu desempenho como manicure. Mal sabia, naquele momento, que aquela dor iria me atormentar por um tempo.

Eu, meus pais (sim, meus pais apresentaram sintomas logo em seguida), estávamos no grupo de milhares de fortalezenses que foram premiados (alguém não foi?) com a Chikungunya, a arbovirose mais chata (de acordo comigo mesma) que existe. Foi uma semana, sei lá, de dor de cabeça, de fadiga, de náusea, de cama, de analgésico, de comida ruim e de doente menos doente cuidando de doente mais doente. Passada a fase aguda da doença, fomos obrigados a seguir a vida com nossas dores articulares e encarar o mundo lá fora.

O mundo lá fora não era muito diferente do nosso dentro de casa. Praticamente toda a rua ficou doente ao mesmo tempo e estava na mesma fase da doença. A Chikungunya uniu os moradores do Pan-Americano. Todos os dias as portas se abriam, e das casas saíam jovens e velhos dobrados, prontos para compartilhar uns com os outros suas dores e seus conhecimentos a respeito da enfermidade. Fora de casa, os “bom dias” foram substituídos por “aí, fulano, como tá a dor?” e só se falava em incapacidade, corticoide, receitas naturais com inhame e auriculoterapia com grão de mostarda.

Dentro de casa, não só se falava em dor, sentia-se a dor. Tudo era um suplício. Levantar, sentar-se, deitar-se, subir escada, descer escada, qualquer movimento era causa de dor. Acordar de madrugada para cho-

rar era a minha forma de descarregar a falta de melhora e o medo da doença cronicar, não apenas em mim, mas especialmente nos meus pais, que eram os que mais sofriam. Foram dias muito ruins. Apesar das dificuldades que a doença trouxe, felizmente, a doença não se cronicou nem em mim, nem nos meus pais, e, de vez em quando, algum morador do Pan-Americano relembra como era engraçado observar aqueles que se dobraram por causa da Chikungunya.



## **Gabriel Nojosa Oliveira**

### “A Mosca Maldita”

Chegamos bem de manhã e estava chuvoso. Parece que, nesse tempo de verão em que sempre íamos para Paracuru, teríamos que enfrentar uma chuva daquelas que inundam toda a cidade e nos fazem pensar que um dilúvio, daqueles da história da Arca de Noé, está a caminho. Claro que no final isso nunca acontece, mas a aparência sempre é de tempestade iminente. E é assim a vida...

Houve um momento em que passei por um “dilúvio” na minha vida, no qual achei que seria o fim, e foi nessa viagem que tudo começou.

“Chegamos, Gabizinho,” disse meu pai com entusiasmo, achando que eu adorava passar as férias em uma casa de praia simples, com uma arquitetura antiga e sem acesso à internet. “Como pode não ter internet? Quem sobreviveria?”

A casa de praia era uma propriedade antiga que pertencia ao meu avô quando ele ainda estava vivo. Após sua morte, passou para o nome da minha mãe. Não tenho muitas lembranças dele, já que eu tinha apenas três anos quando ele nos deixou. Tudo o que tenho são algumas lembranças vagas, como conversas e fotos mostradas pela minha mãe. Não

era algo sentimental, mas como uma criança que ainda não entendia completamente a vida, não dava muita importância.

A propriedade consiste em um terreno arenoso com duas casas. A casa da esquerda era onde os empregados viviam, responsáveis por manter a propriedade em ordem. Nós, morando em Fortaleza, precisávamos de alguém lá para cuidar da propriedade. A casa onde ficaríamos estava longe de ser perfeita. As portas estavam deteriorando devido a cupins, e as janelas sofriam com a exposição constante às chuvas do verão. Na entrada, uma mesa antiga, já desgastada, ocupava o centro do espaço. À esquerda, havia a cozinha com uma geladeira, um freezer e um fogão. Lembro que havia dois banheiros na casa, mas ambos estavam fechados com gesso, e eu nunca soube o motivo. Havia uma saída na ala da cozinha, mas era trancada à noite por medo de invasores na região. À direita, ficavam nossos quartos, com camas antigas e desconfortáveis. Eram camas que mal tinham molas e faziam você sentir a dureza da madeira através do colchão. Havia dois quartos consecutivos e uma sala ao lado com sofás antigos e empoeirados. Meu quarto, onde meu pai e eu dormiríamos, era o lugar onde eu guardava meus brinquedos antigos, como bonecos, um cavalinho de montar, um ônibus gigante e outros brinquedos de plástico quebrados. Sempre que entrava nesse quarto, as lembranças da minha infância vinham à tona.

A única coisa que tornava a estadia agradável era a piscina no quintal, apesar dos azulejos sujos e alguns quebrados pelo desgaste. Não era a casa de praia dos sonhos de pessoas ricas, mas era um lugar adequado para a socialização. No entanto, com a ausência de mais pessoas, acabaríamos todos nas redes na hora de dormir. E, descrevendo o ambiente, quero relatar um momento particular durante o café da manhã.

Quando acordei, depois de uma noite de sono perturbado por trovões e barulhos estranhos da casa, já queria me levantar para ver o que

tinha para comer. Tenho o hábito de verificar mensagens e notícias no celular logo pela manhã, mas, infelizmente, ficar sem internet era um desafio. Quando acordei, fui direto à cozinha para ver o que estava no café da manhã. Eram 8h38 da manhã, horário de café, mas mal consegui saborear o que estava na mesa devido a um fator bastante incômodo: as moscas.

As moscas estavam por toda parte, pairando sobre a comida. Tentei não ligar, afinal, eram apenas moscas. No entanto, sua presença era irritante, e logo percebi uma mosca no meu rosto e perturbando minha refeição. Não me importava muito, pois estava acostumado a ser incomodado, especialmente quando tinha primos mais novos que frequentemente me visitavam. Por outro lado, eu estava ansioso para voltar à minha rotina em casa, com meu Wi-Fi e meus confortos usuais.

A rotina era uma luta constante com as moscas, mas parecia tranquila comparada ao que estava prestes a acontecer naquela noite. Meus parentes nos informaram que não poderiam se juntar a nós na casa de praia, o que nos levou a tomar a decisão de retornar a Fortaleza. A ideia de voltar para casa, após apenas um dia, parecia uma vitória, uma vez que geralmente passávamos de três a quatro dias lá. Arrumei as malas sem hesitar, aliviado por deixar aquele lugar que já não me parecia tão agradável.

Chegamos em casa no final da tarde, por volta das 18h40. Imediatamente, comecei a descarregar as bagagens do carro. Após organizar as coisas dos meus pais, levei as minhas malas para o meu quarto. Estava ansioso para voltar à minha rotina, com minha conexão de internet confiável. Passei a maior parte do tempo assistindo a filmes e ouvindo música até me sentir cansado. No final da viagem, minha saúde estava comprometida, e minha única preocupação era encontrar o conforto de casa.

Naquela noite, fui acordado por uma dor e uma febre terríveis, que logo se tornaram insuportáveis. Sentia frio, mesmo com o cobertor pesado sobre mim, e até uma brisa suave me fazia tremer. Nesse ponto, a última coisa que desejava era estar doente durante minhas férias. Tentei descansar, mas a dor no estômago, a febre e o calafrio não me davam trégua.

Minha mãe, que é enfermeira, foi acordada pelos meus gemidos e veio verificar meu estado. Ela inicialmente suspeitou de uma virose, mas eu não queria acreditar nisso. A dor no estômago logo se transformou em uma urgente necessidade de evacuar. Fui ao banheiro, mas minha mãe, preocupada com a possibilidade de invasões, mantinha a porta fechada à noite. Não consegui chegar a tempo, e a situação tornou-se ainda mais desagradável. Minha mãe me ajudou a limpar e, posteriormente, retornei à cama, mas minha agonia não tinha fim.

A noite se transformou em um ciclo interminável de náuseas, vômitos, diarreia e dor. Eu me sentia fraco e impotente, como se estivesse à beira da morte. Pensava que não conseguiria suportar aquela tormenta sem fim. Relembrar momentos felizes da minha infância se tornou um refúgio para suportar o sofrimento. Só quando enfrentamos uma doença, especialmente uma que nos leva ao limite, é que aprendemos a valorizar a saúde. A simples capacidade de respirar sem dificuldade já é um privilégio que muitas vezes ignoramos, até que a perdemos.

Minha mãe tentou me administrar alguns medicamentos, mas eu vomitava tudo. A situação se repetiu por horas a fio. Finalmente, por volta das 6h39 da manhã, os sintomas começaram a diminuir. Todos os horrores do pesadelo estavam se acalmando, e consegui dormir um pouco. Quando acordei, estava melhor, e os efeitos da doença haviam passado. Bebi água e comi uma fruta, aliviado por finalmente me sentir melhor. Apenas então comecei a entender o que realmente havia acontecido.

tecido.

Mais tarde naquela noite, meu primo me ligou, e ele mencionou as notícias sobre uma epidemia causada por uma virose transmitida por moscas. Tudo começou a fazer sentido, e finalmente compreendi que quase morri por causa de uma coisa tão comum quanto uma mosca. Sussurrei: “Maldita mosca!” enquanto meu primo tentava entender o que estava acontecendo.



### **Danielle Oliveira Costa de Souza**

Ao longo dos meus anos, incontáveis vezes estive do outro lado do balcão, mas nenhuma vez teve o impacto que o autor sentiu, haja vista a natureza inocente das doenças que tive. Pensando sobre o que trazer, me veio à memória uma história antiga, acontecida no tempo da minha adolescência. Eu tinha entre 10 ou 11 anos, não me lembro ao certo, mas recordo do apartamento alugado na cidade do Recife, onde moramos entre os meus 9 e 11 anos de idade. Para colocar minha história no rumo certo, preciso referir que sempre fui uma criança mirrada, daquelas que não seguia os padrões de peso e altura vigentes, longe dos bebês cheinhos. Eu comia ao sacrifício, já que a moça que tomava conta de mim tinha o hábito de colocar uma colher na minha boca, e logo depois eu me escondia novamente. Depois de alguns encontros e desencontros, acabava por me nutrir. Cedo também conheci os consultórios médicos, com quadros alérgicos gripais. Quando aprendi a falar, me referia a eles quando alguém perguntava:

Dani, está doente de novo?

Eu dizia: É alergia.

Bom, vamos voltar ao tempo do Recife, onde adoeço e meu pediatra

da época, homem, manso e querido, costumava me tratar com bolinhas açucaradas de homeopatia. No entanto, ele não conseguiu descobrir o que eu tinha de imediato. Eu ia tendo febre diariamente, fazia exames, os dias passavam, eu não ia à escola de freiras onde estudava para ser uma boa moça católica educada. Obviamente, também não comia lá essas coisas todas. Voltava quase que diariamente ao consultório do bom doutor, e nada. Até que minha pele mudou, ficou grossa, cheia de pequenas bolinhas, como uma lixa daquelas que a gente usa nos pés para tirar a sujeira. Parecia algo estranho, sem razão aparente, até que isso se tornou a chave que abriu o meu diagnóstico. Eu tinha escarlatina. Até hoje, nunca conheci ninguém que tenha tido escarlatina. Não era uma doença maligna, daquelas que a minha mãe tinha medo, como anemias, lúpus, paralisias. Logo a vida retornou ao seu curso normal. Restou-me a vívida lembrança do sentimento silencioso de aflição dos meus pais, dos cuidados que recebi e de ser a única menina na história da minha vida que teve escarlatina. O que me consolou foi o poeta Chico que cantava: reparando bem, todo mundo tem remela, quando acorda às seis da manhã. Teve escarlatina ou tem febre amarela, só a bailarina que não tem. Como eu não era bailarina nem nada, tinha que ter umas marquinhas de pereba.



UM OLHAR DIFERENTE PELA  
CÂMERA DO MEU CELULAR

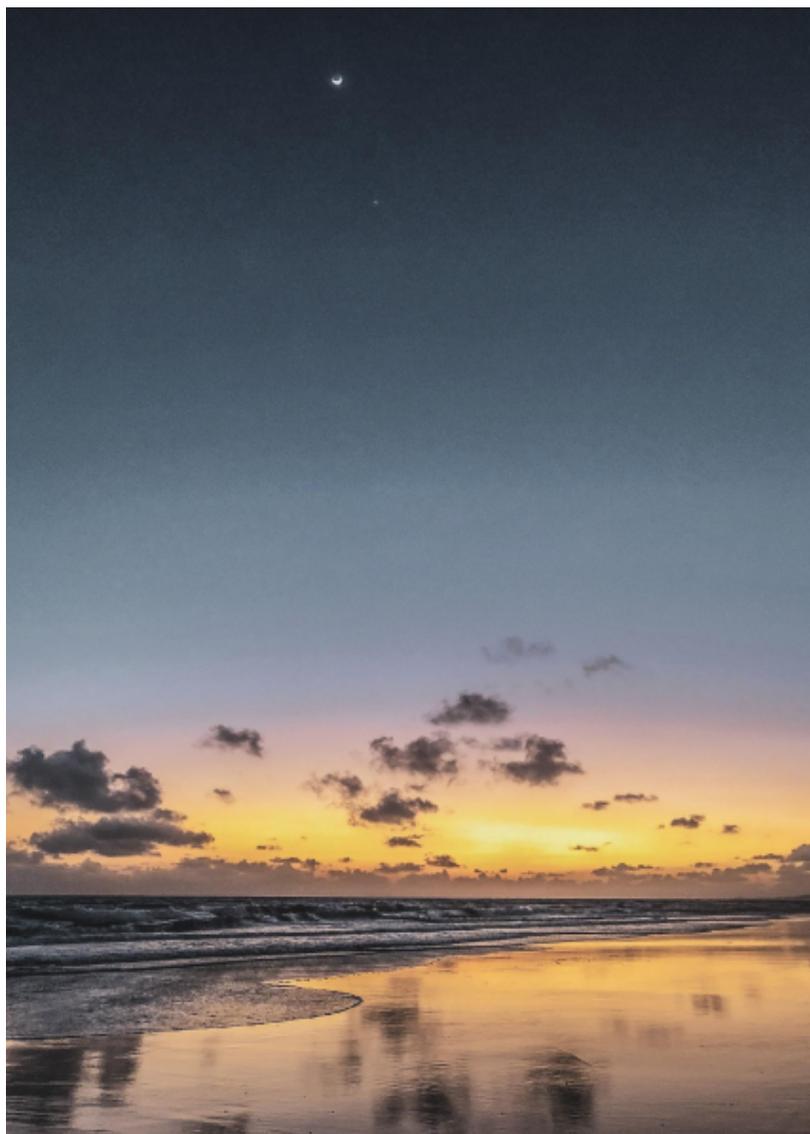
5

5

## UM OLHAR DIFERENTE PELA CÂMERA DO MEU CELULAR

**D**epois da aula incrível do Prof. Demetrius Montenegro, a turminha ficou muito animada para encontrar uma foto original. Perdemos a conta das inúmeras fotos ou prints de tela que são realizados todos os dias com esse aparelhinho incrível chamado celular. Ao pensar que vi o celular nascer, e ele não tinha câmera acoplada, também conheci o sofrimento de contar quantas fotos restavam no filme da câmera. Parece que foi ontem, ou quase isso, mas a tecnologia avançou rapidamente nos últimos anos. E, mais ainda, trouxe a necessidade de tornar a criatividade mais forte para diferenciar uma ‘foto turística’ de uma ‘fotografia artística’. Então, vamos mostrar alguns trabalhos incríveis.

**Maria Clara Alves Nogueira**



Não há como separar beleza da arte. A imensidão retratada na imagem nos faz lembrar da grandeza de Deus. Ele que é dono de toda a beleza criada no Universo e nós, criaturas, somos parte da Sua criação divina. Mesmo inseridos no caos da rotina e do dia a dia, nosso olhar sempre se volta à Beleza e eleva nosso coração à Cristo. Quando contemplamos o que é belo, isso traz paz pois nos lembra de que há uma ordem superior. O que é verdadeiramente belo brilha aos nossos olhos.



## Marília Carolina Paiva Florêncio



Em teu caminho há de haver belas flores a alegrar tua vista e passarinhos a embalar teus passos. O vento te envolverá sempre que for necessário mudar... De rota, de pensamento, de sentimento. Sente tu esse abraço que, além do teu coração, agita também as folhas que estão entre teus olhos e o céu. Escuta o balanço dos galhos como um prenúncio de que é hora de dançar... mover o corpo em busca do que transborda a alma. Percebe o que te perpassa e olha para trás como forma de acessar o que surgiu dentro de ti. Sem arrependimento. Que seja leve o que já não pesa mais os ombros. Admira o horizonte, mas não tenta enxergar o que teus olhos não conseguem alcançar. Um dia, o que é miragem será

realidade. Enquanto isso, observa o que há ao lado.

Quem caminha contigo? Quem segura tua mão? Entrega um pouco de ti, recebe um pouco do outro. Torna-te a mistura do bom que te rodeia com o belo que em ti habita. Percebe as cores, os sabores. Olha, uma borboleta... é a vida acontecendo.



## Manuella Mendonça da Silva



Na imensidão azul existe o toque de Deus no olhar.

Não precisa se esforçar

Deus está em todo lugar

Não há como negar.



## Giulia de Carvalho Firmino



Sempre gostei de olhar as luzes da cidade, mas tenho um apreço especial por fazê-lo durante a madrugada.

Sob a luz gélida dos postes de iluminação todas as ruas parecem descansar calmamente, banhadas pelo silêncio devorador da noite.

Gosto de pensar que em cada pé de planta e em cada semáforo existe uma pontinha de esperança de que o alvorecer se demore a tornar, na esperança de manter aquela serenidade “só por mais 5 minutinhos” antes do caos.



## Lucas Barbosa Sampaio



Eu escolhi essa fotografia, que para muitos pode parecer corriqueira, por ser, para mim, extremamente representativa. As estradas fazem parte da minha vida há algum tempo. Entre idas e vindas para o Rio Grande do Norte e o interior, costumeiramente me encontro nesse cenário da foto. Essa fotografia, pois, representa as idas e vindas constantes da minha vida. Me faz lembrar dos locais que passo e vou embora, das pessoas que encontro e sinto saudades e dos momentos vividos nos cenários mais distintos. Gosto de pensar que em cada lugar que vou e em cada pessoa que encontro, deixo um pouquinho de mim e levo comigo também pequenas fatias desses momentos. Para mim, viajar é

preciso. A vida vem sendo farta dessa forma e sou extremamente grato por tudo. Pessoas, lugares e momentos marcam minha memória e constroem quem eu sou.



### **Lara Farias Lustosa da Costa**



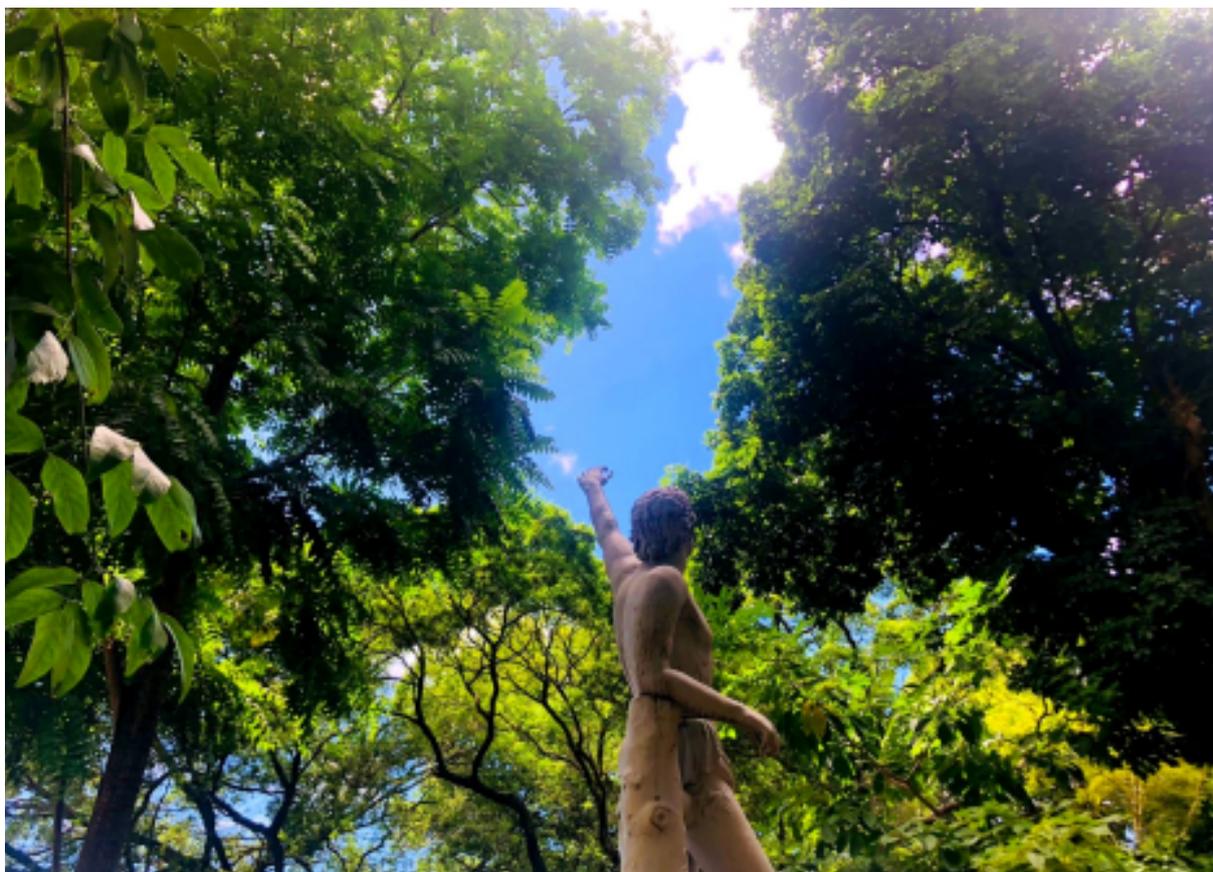
**Foto com cor e movimento.**

A lua me fascina. A lua à noite em uma cidade distante com pouca urbanização consegue ficar ainda mais linda. E este céu onde era possível enxergar uma infinidade de estrelas mesmo com o brilho e lumino-

sidade da lua. As folhas que ganharam cor por causa dela. O vento que empurra as nuvens, balança as folhas e dá frescor a foto.



## Thaynã Albuquerque da Silva



Na mitologia grega, Prometeu criou e presenteou com a vida uma figura feita à imagem e semelhança de um deus, porém, frágil. Segundo Ovídio, em *As metamorfoses*, tal figura foi feita para “manter a cabeça erguida, observar o céu majestoso e as estrelas brilhantes lá em cima”. Essa estátua, presente na Praça dos Mártires, a mais antiga de Fortaleza, representa o criador, Prometeu, no papel de sua criação, o homem, apondo para aquilo que ele foi feito para contemplar, “o céu majestoso”.



## Gabriel Romão Mesquita do Nascimento

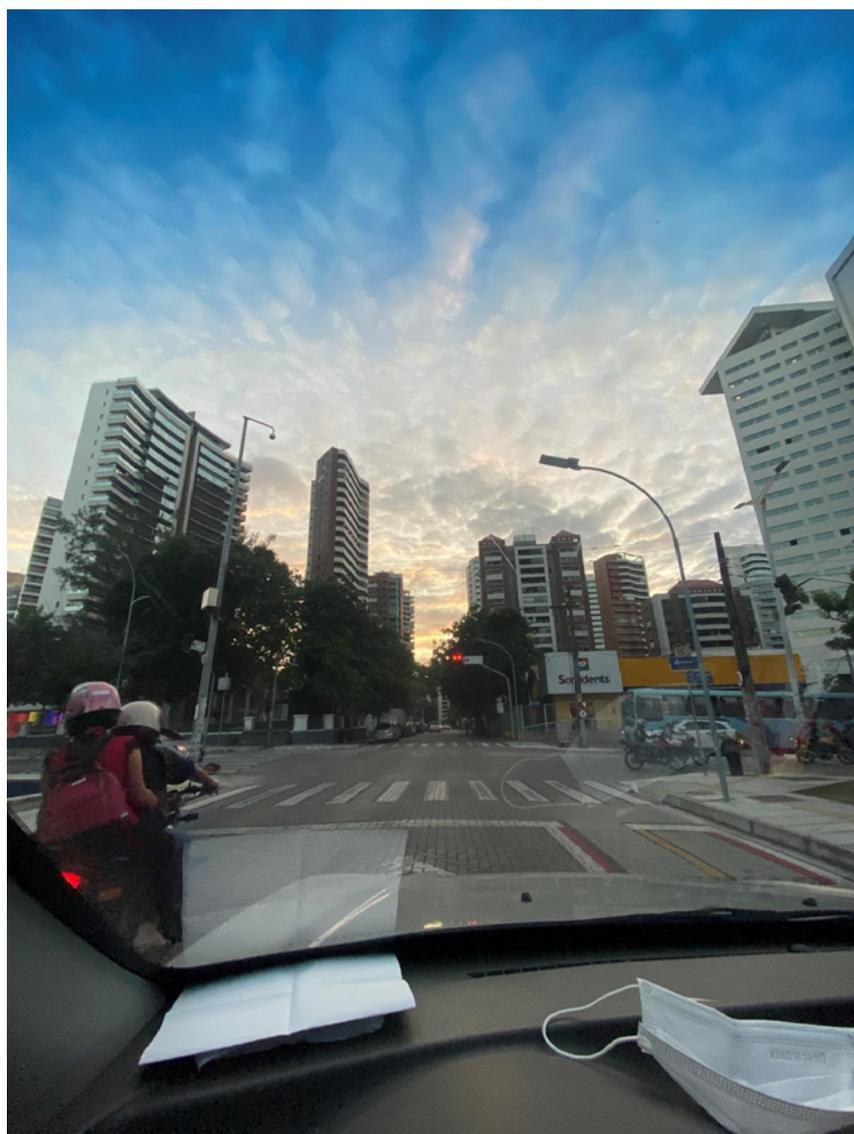


Eu escolhi essa fotografia porque, por mais simples que seja, ela me faz refletir sobre uma questão importante. A urbanização traz consigo a desconexão do ser humano com a natureza. Hoje, as crianças estão crescendo sem ver as estrelas e cada vez mais imersas nas “selvas de pedra” que surgem e, quanto mais elas crescem, mais rápido minamos nossa relação com a natureza.

“Acho que o mundo vai acabar em preto e branco, igual a um filme antigo (...) Talvez, enquanto haja cores, consigamos sobreviver.” Neil Gaiman



## Luiz Gerson Gonçalves Neto



### IMENSIDÃO

Olho para o céu

Tantas estrelas dizendo da imensidão

Do universo em nós...

A força desse amor

Nos invadiu...

Com ela veio a paz, toda beleza de sentir

Que para sempre uma estrela vai dizer

Simplesmente amo você...

Meu amor  
Vou lhe dizer...  
Quero você  
Com a alegria de um pássaro  
Em busca de outro verão...  
Na noite do sertão  
Meu coração só quer bater por ti  
Eu me coloco em tuas mãos  
Pra sentir todo o carinho que sonhei  
Nós somos rainha e rei

Olho para o céu  
Tantas estrelas dizendo da imensidão  
Do universo em nós  
A força desse amor nos invadiu...  
Então...  
Veio a certeza de amar você.



# Trabalhar muito e curtir muito



A vida parece que não passa de um grande círculo. Trabalhar muito e curtir muito. Quando está na hora de curtir, você prepara a sua cerveja e usa a tecnologia para conversar com seus amigos via meet ou via WhatsApp. Quando está na hora de trabalhar, ou não meu caso estudar, você prepara o seu café no jarro para tomar em cada sessão de estudo. A água não se deixa de lado quando você curti ou trabalha. O tempo te prende no pulso, e você tem que seguir as regras dele porque ele não te espera jamais. Mas, se o tempo não para e você tem que curtir ou trabalhar ao máximo, então o que passa sempre na sua cabeça?



## Danielle Oliveira Costa de Souza



### **Um homem e sua expressão de fé.**

Nasci num lar católico, cumprindo rituais de catecismo, primeira comunhão, estudei em colégio de freiras por todo o ensino fundamental e médio. Adorava aquele ambiente meio sacrossanto, com direito a capela, missas dominicais, cânticos e grupos de jovens. Mas vi pouco na minha juventude meus pais irem à missa. Eles eram como se fôssemos católicos, mas sem ser muito praticantes.

Eis que na maturidade de vida de meu pai, um desafio de saúde se impôs, e ele passou a manifestar sua fé. Durante seu período enfermo, trocamos de papéis, onde ele era cuidado por mim, recebendo meu to-

que na sua pele de alívio das dores e minhas orações de proteção, aquelas que eu trazia desde sempre no meu coração.

Atualmente, no meu trajeto, passo por uma praça onde há essa gruta, e eventualmente me deparo com algum homem caminhante que se desvia do seu exercício para dedicar uns minutos à sua oração, a despeito dos transeuntes. Sempre me comove a imagem de um homem maduro expressar sua fé no cotidiano dos dias.



## Danielle Oliveira Costa de Souza



Admiro as nuances sutis da vida cotidiana. Cenas comuns que representam raízes culturais chamam minha atenção e me conduzem a breves reflexões. Numa manhã comum de sábado, me deparei com esse menino conduzindo seu cavalo numa grande cidade. Ele trazia seus pés descalços e seu chapéu de couro, sobre o qual tinha receio de perder durante o galope do animal em terreno tão diverso do que o animal tradicionalmente estaria adaptado a percorrer. Fiquei a imaginar de onde ele vinha e para onde ele ia, mas havia em mim a certeza: Os dois estavam fora do ambiente onde certamente seriam mais felizes.



CINEMA E PIPOCA,  
UMA COMBINAÇÃO PERFEITA

6

6

## **CINEMA E PIPOCA, UMA COMBINAÇÃO PERFEITA!**

**E**m uma noite de encontro, resolvemos fazer uma sessão de cinema na faculdade. Pipoqueira e máquina de chocolate ligadas, cenário pronto, início da ação. Filme escolhido: “O Senhor das Moscas”. Durante a leitura do livro “Humanidade”, encontramos o dilema ético sobre a natureza humana. Enfim, nascemos bons ou maus? Por muitos anos, prevaleceu a visão de um escritor inglês, William Golding, vencedor do Prêmio Nobel em 1983. O livro enfoca um grupo de meninos britânicos presos em uma ilha desabitada e sua tentativa desastrosa de se autogovernar. O que a nossa turminha achou do filme?

### **Luiz Gerson Gonçalves Neto**

Na reunião do dia 12 de abril, pudemos refletir sobre o filme “O Senhor das Moscas”, que inclusive já ganhou o Nobel de Literatura em 1983. Com as professoras Dulce e Melissa, marcamos a atividade. Presos em uma ilha deserta após uma queda de avião no mar, “O Senhor das Moscas” aborda um grupo de garotos que mostram uma tentativa de governo e autorreflexão sobre atitudes boas e más. Temo em acreditar que a sociedade possui dois lados: o bom e o mal. Nessa sequência de raciocínio, talvez possamos pender para um lado ou outro dependendo

de nossas atitudes, inquietudes e situação no mundo. Por fim, a perda da inocência é algo que acredito ser o fim último de todos nós no processo de amadurecimento.



### **Isabella Araujo Duarte**

O filme “O Senhor das Moscas” conta um pouco sobre a história de um grupo de jovens que se deparam com uma situação em que necessitam sobreviver em uma ilha deserta sozinhos, após um acidente aéreo. Diante desse problema, eles entendem que precisam escolher alguém para comandar e organizar tudo na ilha. Um líder, semelhante ao que se observa nas sociedades atuais. A reflexão que esse filme nos traz é a de que sociedades diversas e complexas necessitam de um sistema de organização funcional, capaz de incluir e abarcar todos os grupos. Na obra, fala-se muito sobre a essência humana e nossa capacidade de resolver problemas e conflitos, mesmo com violência, poder e selvageria.



### **Lucas Barbosa Sampaio**

O filme “O Senhor das Moscas” evidencia um cenário em que jovens são deixados sozinhos em uma ilha, tendo que assumir a total responsabilidade pela gestão de suas vidas, recursos e relações interpessoais. Sem um Estado para fornecer o alicerce necessário para um convívio harmonioso entre os iguais, inúmeros conflitos acontecem durante o período referido no filme.

Nesse contexto, o livro nos traz uma profunda reflexão sobre como o homem enxerga sua própria natureza, que se apresenta de forma caótica e libidinoso. Em contrapartida, o livro “Humanidades” traz um ponto

de vista que foge do apresentado no filme. No livro, o autor apresenta uma visão otimista do homem e afirma que, se colocado em situação semelhante à do filme, o que perpetuaria seria a harmonia e a colaboração.

Esse conflito de visões entre o livro e o filme muito se assemelha ao debate de Thomas Hobbes e Jean-Jacques Rousseau. A principal divergência desses dois pensadores foi sobre a natureza humana em um cenário em que o Estado inexistente. Para Hobbes, o homem é mal por natureza e o Estado tem a função de reduzir esse ímpeto natural. Já para Rousseau, que discorda de Hobbes, o homem é bom por natureza, mas o Estado e a vida em sociedade o corrompem. É importante frisar, no entanto, que não há conclusões definitivas sobre qual visão é mais correta. Ambas são formas de se enxergar a natureza humana.



### **Marília Carolina Paiva Florêncio**

O livro “Humanidade” cita, em sua primeira parte, a obra literária “O Senhor das Moscas”, fazendo um paralelo entre ele e o comportamento humano. Em um dos encontros, nós do ELAM tivemos a oportunidade de assistir ao filme que retrata a mesma história e leva o mesmo nome, tendo sido produzido na década de noventa. A história contida nessa obra aborda a sobrevivência de jovens garotos em uma ilha, após a queda de seu avião no Oceano Pacífico. A trama se desenrola na construção do que seria uma nova sociedade, na qual cada pessoa desenvolve naturalmente um papel. Dessa forma, há aquele que tem espírito de líder e tenta organizar a convivência, assim como há os que obedecem, os que se rebelam e os que batalham pelo posto de liderança.

É interessante notar que as pessoas se estabelecem umas perante as outras em relacionamentos de várias vias, o que significa que o que

somos em um contexto social recebe muita influência daqueles com os quais nos relacionamos. Assim, as pessoas podem se manifestar como líderes ou não, dependendo de como se sentem e com quem compartilham pensamentos e emoções. Em uma de suas discussões, o livro «Humanidade» aborda Rousseau, que afirma que o homem é bom por natureza e corrompido pela sociedade, e Hobbes, que coloca o homem como mau, sendo o estabelecimento da sociedade e de uma figura de poder necessário para torná-lo passível de convivência. Independente dessas teorias e suas justificativas, «O Senhor das Moscas» traz um fato: a sociedade acontece.

Os desdobramentos desse acontecimento mostram a dicotomia que há em todo ser humano: o bem e o mal, a luz e as trevas, a generosidade e o egoísmo, a felicidade e a tristeza, a coragem e o medo, o instinto de sobrevivência e a morte. Ser humano é acessar todos esses sentimentos, tentando conduzir a vida de acordo com as suas convicções.

Nesse ponto, entra mais um questionamento: e quando as suas convicções divergem do que aparentemente prevalece? Surge uma nova corrente, um novo ideal, que movimenta outras pessoas. A partir disso, pode-se pensar que a política se desenvolve como expressão. Assim, somos seres que vivem em uma sociedade, que, por sua vez, se estabelece por meio de uma política, seja ela qual for.



## **Gabriel Nojosa**

No dia 12 de abril de 2022, o grupo do ELAM resolveu assistir a um filme no qual pudéssemos discutir posteriormente sobre o contexto. Segundo a professora, essa é uma história que possui uma referência tão citada em diversos outros livros, séries e filmes, então, para conhecer o

contexto da associação, precisamos conhecer a obra original e qual seria a sua ideia que é muito debatida por outras obras contemporâneas.

No princípio, pensei que fosse só mais um dos filmes clássicos que marcaram o século XX e que nós iríamos discutir as formas, os impulsos e as impressões que os personagens tiveram ao longo do tempo em que estavam perdidos em uma ilha. Muitos dizem que não é bom assistir a um filme quando você já tem os spoilers na mente, então a melhor forma de superar as expectativas seria pelos efeitos especiais e pela dramatização. Bem, mas para falar a verdade, foi a última que realmente aconteceu.

O filme é baseado em um livro de William Golding, que ganhou o Prêmio Nobel de Literatura, e que fala de um grupo de crianças que se perdeu em uma ilha desconhecida. Mas, eu pesquisei mais a fundo sobre essa história quando foi discutida em outras reuniões do grupo do ELAM sobre o livro “O Senhor das Moscas” e a relação com o livro “Humanidades”. Essa história, não só pelo Prêmio Nobel, é muito referenciada por outros livros e por outros filmes. Ele é comentado pela sua selvageria a ponto de alguns tentarem fazer barbaridades, incluindo homicídio de outros membros. É comum em momentos de crises e em momentos de medo ou pânico causarem uma alteração drástica na personalidade de um indivíduo. Na história, podemos citar o exemplo da grande crise de 1929 que alastrou o mundo todo, levando ao desemprego em massa, perda da riqueza de muitos milionários e desesperança de uma melhora a curto prazo. Quando essa tragédia se alastrou ao mundo, vários países seguiram rumos para poder resolver o problema, porém nem sempre eram os mais sensatos para resolver. Entre eles estavam os fascistas da Itália, os nazistas da Alemanha e os franquistas da Espanha. Todos eles utilizaram a violência para conseguir os seus objetivos e instalaram a ira como algo rotineiro para justificar a guerra e todas as

atrocidades em prol de uma vida melhor para a sua nação. Mas, até que ponto eles iriam longe? E será que uma atitude ultrapassa as loucuras humanas? Todos esses fatos foram lembrados quando eu assisti ao filme baseado no livro “O Senhor das Moscas”.

O mais fantástico autor que me fez lembrar dessa situação de incerteza, medo e controle pelo mais forte é George Orwell. Em seu livro “A Revolução dos Bichos”, ele fala de dois líderes, literalmente porcos, que estavam em dicotomia em relação a como a sua fazenda, recém-conquistada pelos animais, deveria seguir para sobreviver ao ataque dos humanos e prosperar em prol do bem-estar de todos os animais. Porém, essa disputa de liderança começou a chegar em um alto nível a ponto de um dos porcos mandarem cachorros selvagens para manterem o porco opositor e instaurar uma oligarquia na qual o próprio porco líder estava no topo da pirâmide de hierarquia. Sua palavra era lei e, ao longo do tempo, mandou todos os outros animais trabalharem sem parar para não deixar o inimigo externo voltar ao poder. Pelo medo desse inimigo e pela punição quando as regras do porco não são obedecidas, todos trabalhavam arduamente e sem questionar, alienados pelo medo do que os assomava. Sua última obra e a mais dramática e expressamente de suas ideias é “1984”. Ele conta a história de um mundo fictício e futurista no qual estamos em um país dividido em setores comandado por um ditador totalitário e absoluto: o Grande Irmão. Ele possui máquinas conhecidas como teletelas, as quais o utiliza para vigiar toda a população até nas suas maiores privacidades, dando a ideia de um Estado onipresente. Mas, a parte mais integrante é que existe um inimigo interno considerado um traidor conhecido como Emmanuel Goldstein, que provavelmente era o líder opositor que não concordava com as ideias do Grande Irmão, e, portanto, o tratavam como se fosse um inimigo mortal da nação. Também, havia o medo de um inimigo externo que sempre estava em guerra

com a região, e essa guerra, que parece que não tem fim nem se sabe como começou, parece impulsionar o medo na população e justificar que trabalhem exaustivamente e sempre sigam sem questionar as ideologias do partido em prol da sobrevivência. Essa mesma ideia cabe ao filme, onde os membros da tribo precisam escolher qual dos líderes possui a ideia mais favorável para sua sobrevivência, e, muitas vezes, essa escolha sofre influência de sua personalidade e de suas crenças ou pela atração aparente do que é o mais forte. No caso dos meninos da ilha, eles foram atraídos pela tribo dos caçadores.

Todas as pessoas que estão sobrecarregadas ou estão no limite de suas energias tendem a agir por impulso, mas será que chegariam a essa brutalidade nesse ponto ou pior? Será que, por isso, ainda existem casos de criminosos que, mesmo sabendo das questões éticas, cometem vandalismo, assaltos e assassinatos? Existem aqueles que realmente são maus por natureza e não conseguem segurar o seu impulso de brutalidade por muito tempo? Isso realmente me fez refletir sobre como o ser humano pudesse chegar a tal ponto, mas só me trouxe mais perguntas do que respostas para pensar.



### **Thainã Albuquerque da Silva**

O filme de 1990 é uma segunda adaptação do livro homônimo escrito por William Golding e lançado em 1954. O filme inicia-se com um grupo de crianças à deriva encontrando uma ilha, aparentemente deserta. Não há nenhum adulto, exceto por um homem excessivamente ferido que mais tarde se revela como o piloto da aeronave em que as crianças estavam. Os meninos passam a desbravar parte da ilha, e dois deles encontram uma concha. Um deles, Ralph, usa a concha para emitir um som. Ao fazer isso, o grupo atende ao chamado do garoto, que im-

plicitamente se estabelece como líder e determina a primeira regra entre eles: só fala quem estiver portando a concha. Além disso, Ralph levanta questões pertinentes à sobrevivência do grupo, como a necessidade de manter o fogo sempre aceso para facilitar um possível resgate e estabelecer regras para o grupo. Alguns garotos levantam a possibilidade de Jack, outro menino, ser o líder, porém, Ralph é eleito líder por votação. Nesse ponto, ainda há coesão entre o grupo, e todos colaboram para a sobrevivência uns dos outros, de acordo com as suas habilidades e suas necessidades momentâneas. Isso revela que ainda há entre os garotos a necessidade de manter padrões de civilização congruentes com os da sociedade em que viviam antes do acidente.

No entanto, à medida que o tempo passa e não há perspectiva de resgate, alguns garotos, sob a liderança de Jack, passam a questionar a necessidade de manter regras, incluindo a de manter a fogueira acesa. A partir daí, fica evidente a competição existente entre os grupos, e um segundo líder se estabelece. O filme passa a girar em torno da dicotomia entre a liderança de Ralph e Jack e das repercussões que as diferenças de visões dos garotos geram. Ralph deseja o resgate e luta para manter a organização de seu grupo de acordo com a organização de uma sociedade civil, com regras, divisões de tarefas e de poderes. Jack, por outro lado, anseia por estabelecer uma sociedade primitiva, baseada na caça e no exercício do poder por meio da força e do medo.

Devido a isso, há uma luta pelo poder, na qual Jack tenta aniquilar o grupo de Ralph. No meio dessa disputa, surge também uma aura de misticismo em torno de uma figura desconhecida - o monstro - que é fonte de terror entre os meninos. Nesse contexto de caça ao suposto monstro, o grupo comete o primeiro homicídio na ilha. Tal acontecimento é bastante simbólico, pois marca a mudança do grupo de Jack para um estado de total selvageria, em que a guerra se torna imperativa

para exercer poder, e o desconhecido também é usado como arma nessa guerra. O filme termina quando Ralph, o último sobrevivente de seu grupo, é encontrado por um oficial americano, que surge ao ver o sinal produzido pela chama da fogueira, para resgatar os meninos.

O filme tem uma premissa semelhante ao pensamento do filósofo inglês Thomas Hobbes, que defendia que, pelo fato de o homem viver em um estado de natureza onde todos estariam preocupados com os seus próprios interesses, seria necessária a existência de um governo forte para apaziguar os conflitos humanos. Isso fica evidente na forma como o filme é conduzido, em que uma forma de organização civil (grupo de Ralph) se encaminha para um estado de natureza (grupo de Jack), em que a guerra, o medo, a competição e os interesses individuais sobrepõem-se ao coletivo e ao bem-estar.



### **Giulia de Carvalho Firmino**

O filme visto na última sessão nos traz uma visão diferente e diametralmente oposta do que podemos ver no livro. Acredito que existe uma grande ânsia da nossa parte de tentar lutar contra a ideia do que o filme nos propõe pelas reflexões que já fizemos com base em nossas leituras recentes, o que, como grupo, nos permite ser muito coesos nos rumos da discussão que estamos desenvolvendo. Porém, algo que continua a me incomodar é a sensação de que em nós ainda habita o senso comum de acreditar que na humanidade existe essa aura má. Temos a sensação de que isso seja uma ideia de movimento natural das coisas, e que, por nossas discussões, existe essa ânsia de tentar discutir e convencer uns aos outros. No entanto, ainda existe esse lugar que permanece imaculado na mente das pessoas e sistematicamente reforçado no imaginário coletivo. Acredito que essa inquietação com a necessidade de reiterar esse tópico

e a quantidade de tempo que gastamos durante a sessão diz muito mais sobre a nossa necessidade de tentar reafirmar para nós mesmos que o ser humano não é um espécime degenerado, de maneira contraditória do que a cultura nos faz querer acreditar.



### **Lara Lustosa**

Assistimos ao filme “O Senhor das Moscas”, usando como conexão as discussões sobre o livro “Humanidades”, o que nos levou a refletir sobre a natureza humana. Será que somos realmente seres bons, ou o meio pode nos tornar selvagens, fazendo com que o único foco seja o próprio bem-estar ou o poder? Diferentemente de outras séries que retratam pessoas presas em ilhas desertas, o filme acontece com crianças, seres que ainda não têm as mesmas ambições, preocupações e prioridades de um adulto. E mesmo assim, com o surgimento de necessidades, um grupo torna-se selvagem para demonstrar o poder, mesmo que para isso vidas sejam dizimadas, visto que todos continuavam na mesma situação e não havia verdadeiramente vantagens em estar inserido naquele grupo, apenas o fato de serem comandados por um líder designando tarefas. Entretanto, ao entrar em contato com o personagem que chegou para salvá-los, foi como se despertasse neles o retorno para a realidade e para a civilização, levando-os a refletir sobre todas as suas ações naquele período. E assim, nos faz pensar: somos realmente seres sempre em busca de fazer o bem, ou ainda não enfrentamos algum momento de extrema necessidade no qual acabamos influenciados pelo meio?



### **Manuella Mendonça da Silva**

O filme “O Senhor das Moscas” é cheio de simbolismos que trazem uma série de reflexões pedagógicas e filosóficas, incluindo a dúvida sobre a natureza humana, se ela é boa, má ou vai além do bem e do mal (ideia baseada na teoria do “bon sauvage”). Um exemplo disso pode ser destacado na parte do filme na qual há um grupo liderado por Jack, que se especializa em caçar, e há um grupo liderado por Ralph, que é mais pacífico. Além disso, ao longo do filme, observa-se como as pessoas têm mais facilidade para se unirem contra um inimigo comum (o monstro) do que pelo bem comum e como as pessoas são manipuladas por suas necessidades. Por fim, o filme nos traz percepções sobre poder, humanidade, maldade e o comportamento humano diante das situações. Na última semana, também foi discutido o livro “Humanidades”, que possui muitas conexões com o filme “O Senhor das Moscas”.



### **Danielle Oliveira Costa de Souza**

Na última reunião do Grupo de Extensão Literatura e Artes na Medicina, realizada em 12 de abril de 2022, contamos com a presença das Dras. Melissa e Dulce, e juntos assistimos ao filme “Senhor das Moscas”. Após a exibição, houve uma discussão sobre o tema, na qual se ressaltou a dicotomia entre a boa e má conduta, o poder da influência dos amigos, a facilidade de agir a favor dos grupos dominantes, em contraposição ao desafio de se manter fiel aos seus valores pessoais. Também se discutiu a percepção de que a polidez nas relações pode ser posta à prova em situações extremadas ou de sobrevivência, assim como a fantasia que habita as imaginações infantis.

Nesse contexto, somos convidados a depositar nossas emoções, e minha experiência destaca como parece ser mais fácil ser cruel. Sentimentos intensos como medo, desesperança e instinto de sobrevivência

têm o poder de fazer aflorar nosso lado sombra da vida. É como se fôssemos levados a pensar que as pessoas más são mais comuns em situações cotidianas. Portanto, isso reforça em mim a necessidade de ser autovigilante para evitar que as partes sombrias da minha alma prevaleçam, mesmo em situações adversas.



NOITE DAS ARTES E SEU  
SIGNIFICADO

7

## NOITE DAS ARTES E SEU SIGNIFICADO

**É** incrível ver como, como parte do nosso projeto, a turma foi convidada a sair da sua zona de conforto e adentrar com mãos e emoções no mundo da aquarela. Com tinta e pincel, abriram suas almas para ressignificar partes de suas vidas. Essa sempre é uma noite mágica para mim pessoalmente, talvez seja a noite do ano em que exponho uma parte de mim mesma que poucos conhecem. Ser médica, professora, pesquisadora e mãe, ao exercer todas as atividades que essas definições trazem, esconde partes vulneráveis de mim, como aquela que ficou guardada depois da faculdade, mas que aqueceu muito o meu coração na juventude: pintar. Jamais ousaria me autodenominar pintora, mas todos nós podemos nos arriscar de vez em quando. Então, vamos lá...

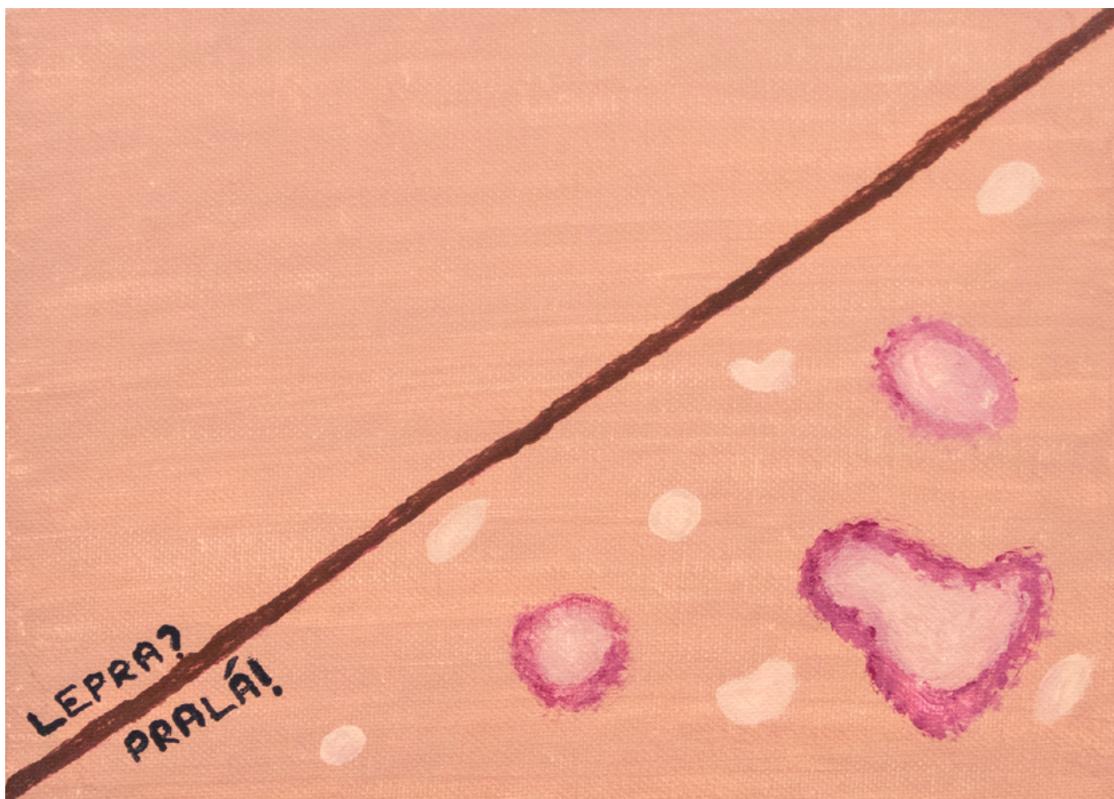
## Marília Carolina Paiva Florêncio



### Ciclos

Pintar é ilustrar o que a alma sente, transbordando em cores aquilo que somente os olhos de quem pinta conseguem enxergar. Heráclito dizia que nenhum homem pode banhar-se duas vezes no mesmo rio; seria ousado eu falar que ninguém consegue olhar duas vezes a mesma obra de arte? De fato, a obra de arte continua sendo a mesma, mas os olhos de quem a admira a tornam uma nova fonte para mais uma experiência de transformação. A mágica de apreciar uma pintura reside em sentir algo novo a cada vez que nos permitimos repousar nossos olhos sobre a

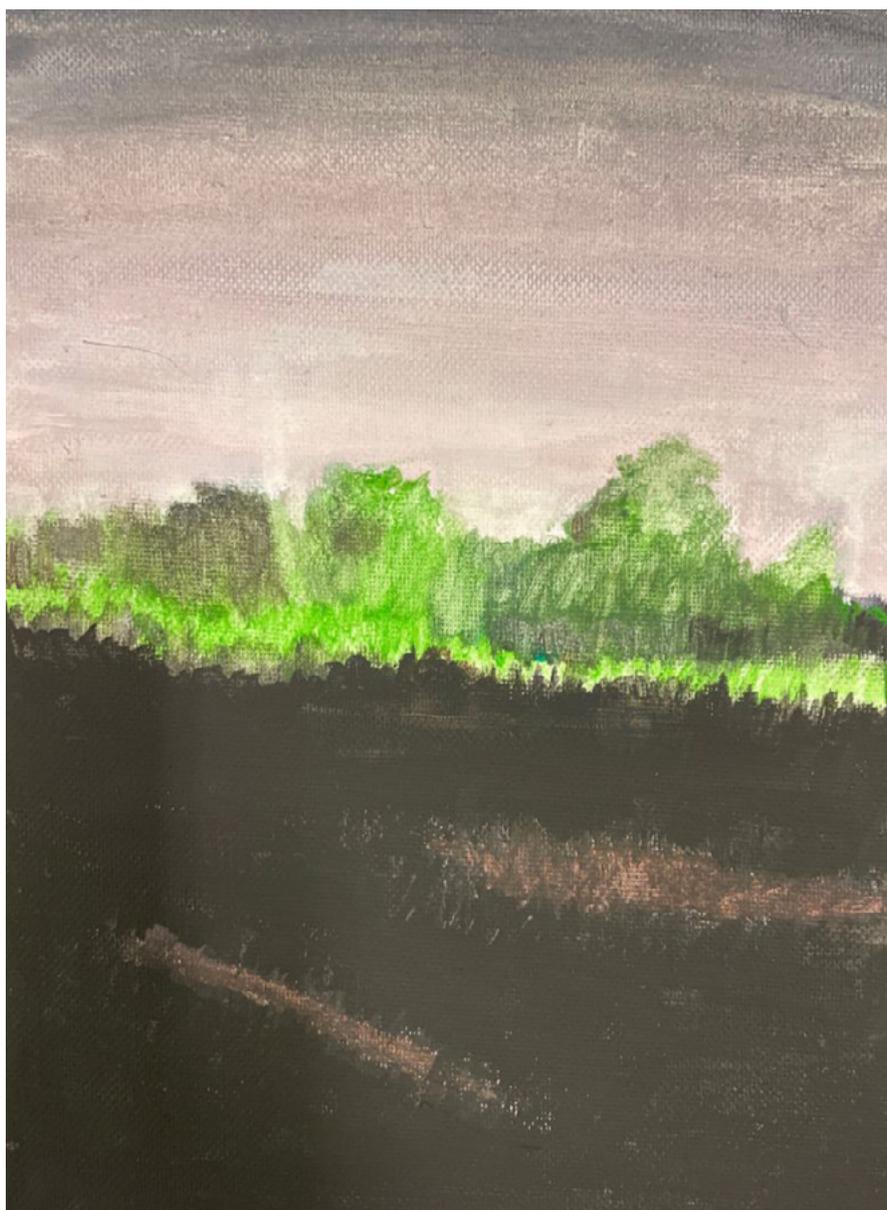
tela. A mágica de pintar reside em conseguir tocar corações que jamais conheceremos, mas que se conectarão com a nossa verdade. E o que eu espero que os seus olhos vejam na minha arte agora? Uma oportunidade de admirar a beleza que existe em fechar ciclos, afinal o anoitecer traz consigo o fim necessário para o recomeço. Amanhã, talvez, você verá algo novo aqui, não porque eu mudei as cores desse pôr do sol, mas porque você entendeu que seu olhar foca naquilo que a alma sente, sendo ele o pincel que ilustra a sua vida.



2º quadro relacionado a Doenças Infecciosas, a autora retratou sua visão sobre Hanseníase.



**Thaynã Albuquerque da Silva**



## **A NOITE**

A inspiração para minha obra veio de um pequeno vídeo enviado por uma querida amiga durante a Noite de Artes proposta no ELAM. Enquanto pensava, sem inspiração, no que poderia pintar, recebi tal vídeo, em que as únicas coisas a observar eram o céu, com seu belo arrebol, em um tom especialmente lilás, a vegetação e o som da noite vindoura. Essa foi a forma que encontrei de representar aquilo que meus olhos não contemplavam naquele momento, mas ainda assim despertou uma sensação de paz.



2º quadro relacionado a Doenças Infecciosas, a autora retratou sua visão sobre a Peste Negra.



## Giulia de Carvalho Firmino



Com relação à Noite de Artes, nos foi pedido para usarmos a criatividade para criar uma tela com tintas aquarela que pudessem representar e expressar nossa criatividade e exercitar as técnicas de aquarela que nos foram apresentadas. Eu, que me considero uma pessoa bastante criativa, me vi enfrentando uma grande dificuldade ao realizar essa tarefa de forma gráfica. Tive problemas tanto para produzir uma ideia concreta quanto para lidar com a inabilidade evidente que encontrei ao manusear as tintas de aquarela. Sem muita criatividade e convencida de tentar encontrar uma tarefa plausível de ser realizada, pensei em desenhar algo que remetesse à natureza, afinal, ela está sempre presente, e sempre gostei de flores.

Enquanto a atividade começava, decidi pintar uma flor chamada copo-de-leite, misturando algumas tonalidades claras para conseguir reproduzir as pétalas e a folhagem. No entanto, em minha tentativa de

usar as misturas das cores emulsificadas em água, meu copo de leite, com algum efeito resultante da mistura de cores, acabou se tornando roxo intenso e até um pouco esquisito (a meu ver). Pensei comigo mesma: que interessante, um copo de leite roxo! Talvez mais interessante do que prático ou saudável.

No final, fiquei satisfeita com a tela que produzi, até mesmo contente por ter realizado uma atividade manual diferente. No entanto, estou terrivelmente ciente de que minha veia artística provavelmente não me proporcionará nada além de alguns outros copos de leite roxos.



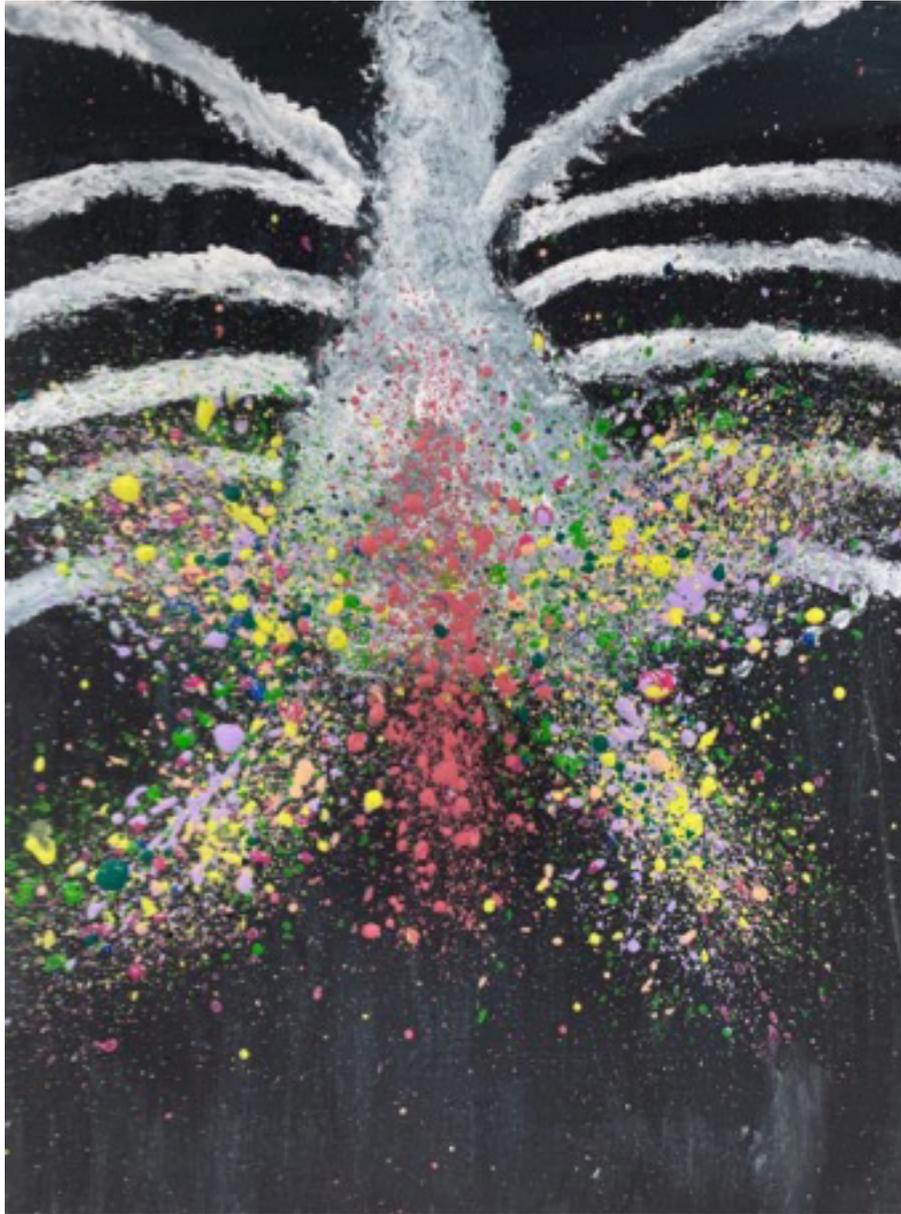
2º quadro relacionado a Doenças Infecciosas, a autora retratou sua visão sobre um leito de hospital.



## Lara Lustosa



Em 2017, conheci alguém que admiro muito e que era fascinado pelo universo, buracos negros, velocidade da luz e toda a história do espaço-tempo, e tudo o que está envolvido com essa natureza. Desde então, também me apaixonei pelas belezas do espaço, sua escuridão repleta de estrelas, seu silêncio, apesar das explosões das novas estrelas, e principalmente pelo fato de que nos lembra que somos apenas pequenas criaturas vivendo em um planeta dentro de uma galáxia entre as infinitas galáxias existentes. Será mesmo que só existem seres pensantes aqui? Será que realmente estamos sós? Será que somos tão importantes ou insubstituíveis como pensamos?



2º quadro relacionado a Doenças Infecciosas, a autora retratou sua visão sobre um paciente com coctidomicose.



## Gabriel Romão Mesquita do Nascimento



### A ESTRELA DA NOITE

O verão estava ao meio-dia,  
e a noite no auge;  
e cada estrela, em sua própria órbita,  
ela brilhava pálida, mesmo na luz  
da lua, que mais brilhante e mais fria,

governou entre os planetas escravos,  
senhora absoluta nos céus -  
e, com seu raio, nas ondas.  
Por um tempo eu encarei  
seu sorriso frio;  
oh, muito frio - muito frio para mim!  
Passou, como uma mortalha,  
uma nuvem fofa,  
e então eu me virei para você,  
orgulhosa estrela da noite,  
para sua chama remota,  
mais querido ter seu raio;  
já que me alegra mais  
a parte orgulhosa  
que você realiza no céu à noite,  
e mais eu admiro  
seu fogo distante  
do que a luz mais fria de sempre.

Edgar Allan Poe.



2º quadro relacionado a Doenças Infecciosas, o autor retratou sua visão sobre um paciente com HIV e sua dicotomia na vida, escondendo uma versão sua para evitar o estigma da doença.

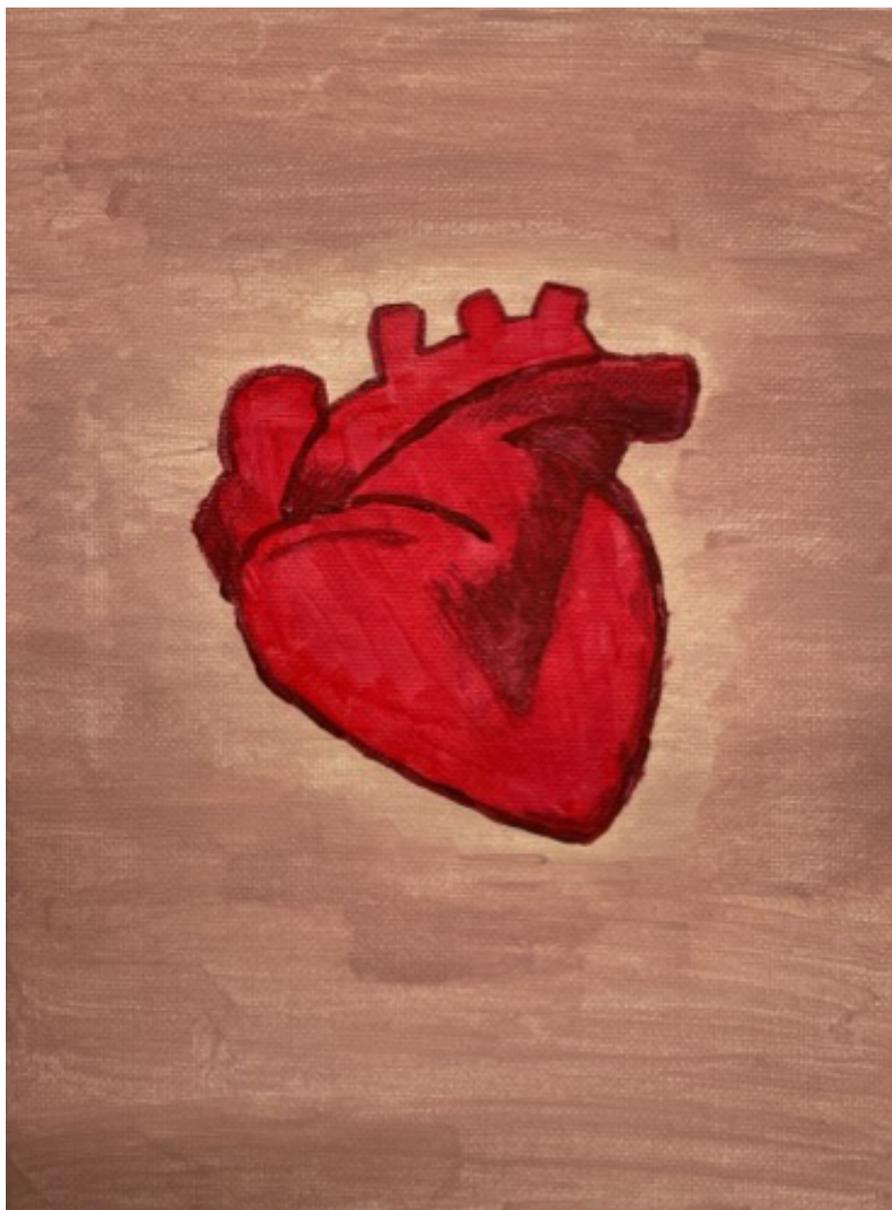


**Maria Clara Nogueira**



## JARDINS

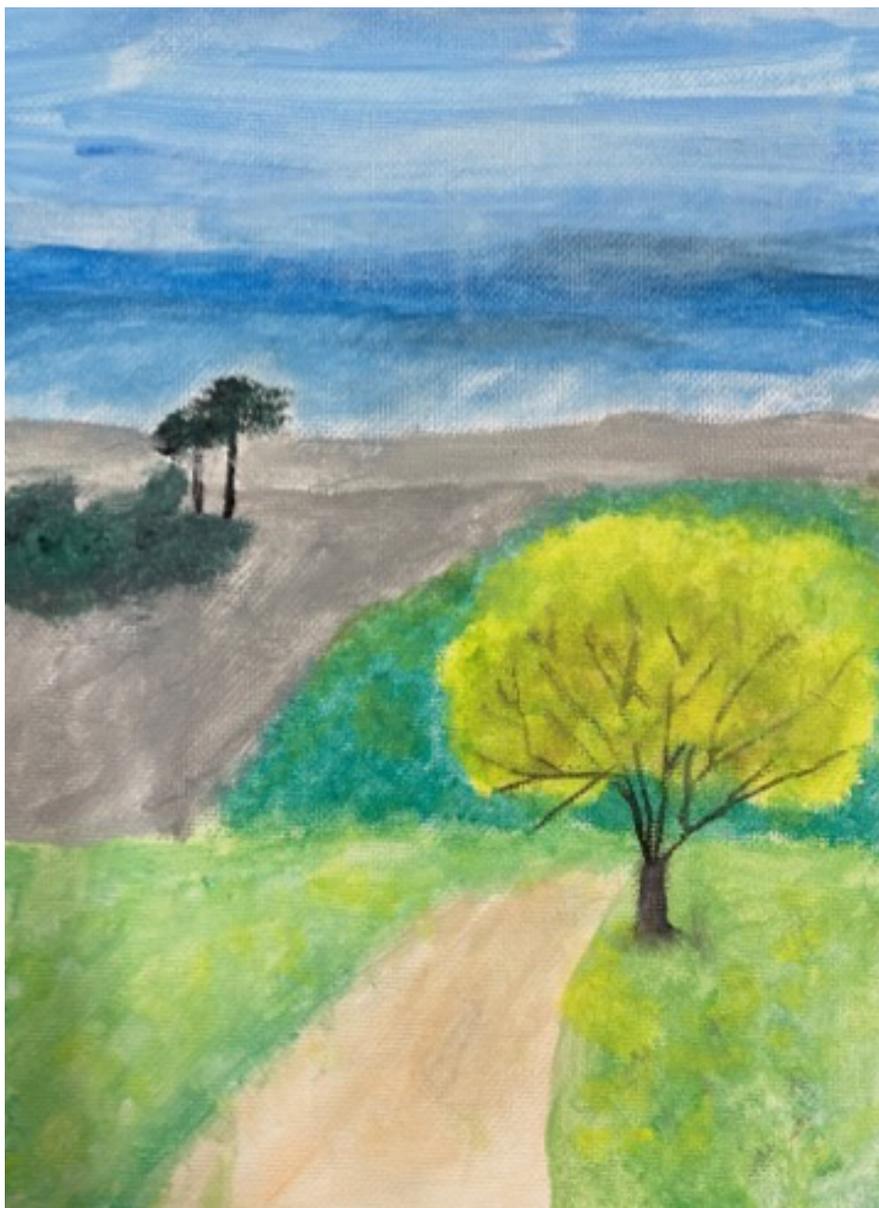
Um simples jardim com algumas flores. Quando penso nessa imagem, vêm à mente vários pensamentos, mas o que me marcou foi o fato de, mesmo sendo flores da mesma espécie, serem diferentes. Isso acontece conosco também. Podemos nascer no mesmo ambiente, no mesmo solo, recebendo a mesma quantidade de água e comida, mas ainda assim somos completamente diferentes. Uns dão flores mais bonitas, pétalas com cores mais vivas, outras nem conseguem desabrochar. Essa é a graça da vida. O que teria de tão especial se todos fôssemos iguais? Se pensássemos iguais? Se nos vestíssemos iguais? Graças a Deus não funciona assim! O melhor disso é pensar que cada flor que nasce e desabrocha é única. Como nós. Somos indivíduos únicos, com pensamentos únicos - claro que pode corresponder com outras pessoas, mas mesmo sendo parecido não é igual -, culturas únicas, jeitos de viver a vida únicos. A escritora Ayn Rand já dizia que a menor minoria é o indivíduo.



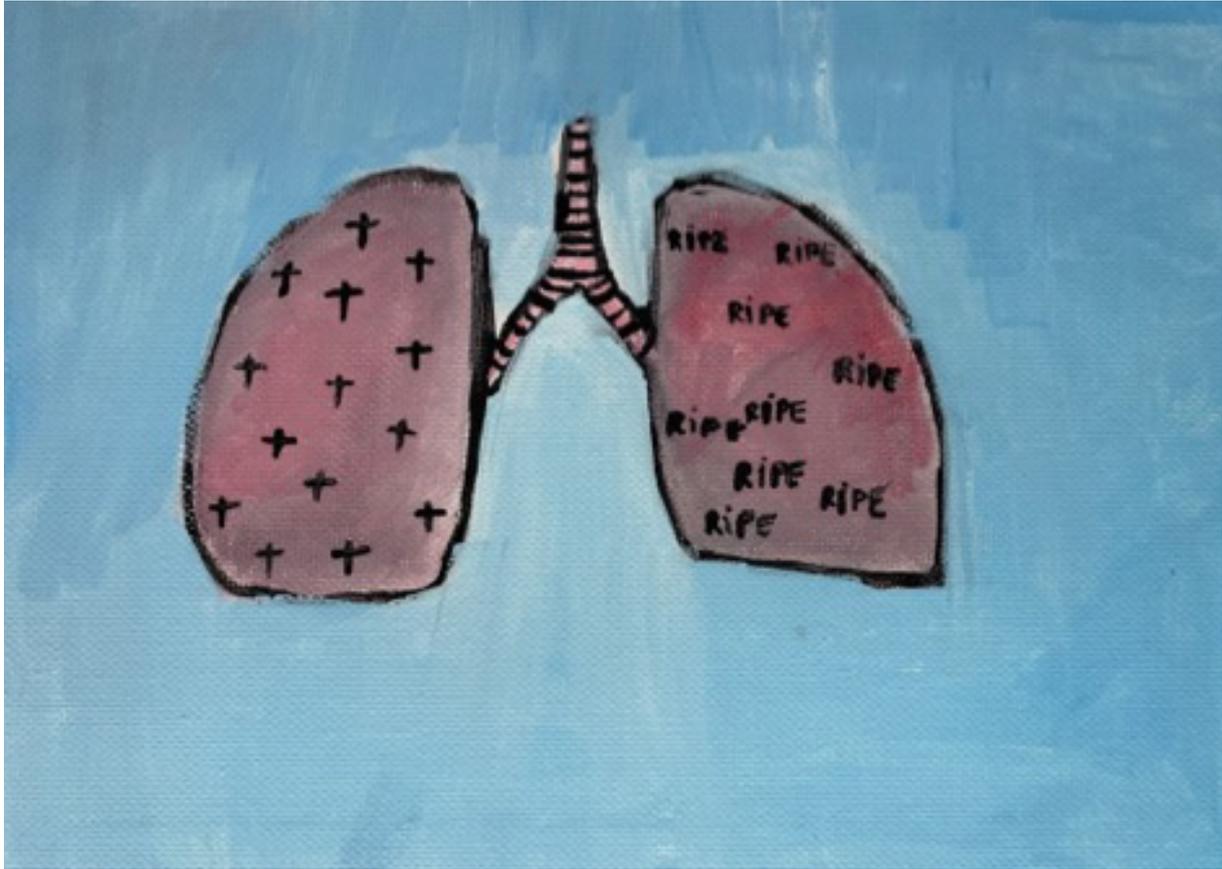
2º quadro relacionado a Doenças Infecciosas, a autora retratou sua visão sobre a beleza do coração.



## Isabella Duarte



Durante o encontro, tivemos uma aula de pintura, com o ensino de diversas técnicas, inspirações, orientações e dicas importantes sobre pintura com aquarela, tinta, desenhos e mistura de cores. Na ocasião, decidi pintar um cenário que me agrada muito e me traz uma lembrança do meu pai: um local com uma vista bonita e um Ipê amarelo.



2º quadro relacionado a Doenças Infecciosas, a autora retratou sua visão sobre o tratamento de tuberculose.



## Lucas Barbosa Sampaio



Na ‘noite de artes’, fomos convidados a explorar nossa criatividade e subjetividade por meio da pintura de quadros com tinta guache. Essa tarefa inicialmente se apresentou como um grande desafio, pois a maioria de nós tinha pouca ou nenhuma experiência com pintura. No entanto, após a exibição de um vídeo tutorial sobre estratégias de pintura, ganhamos artifícios que nos tornaram um pouco mais aptos a desenvolver essa atividade. Na verdade, um pouco menos inaptos (risos). Ao fim, pudemos ver os trabalhos realizados e, para a surpresa geral, tivemos telas com ótimos resultados. Esse exercício de colocar a mão na massa e

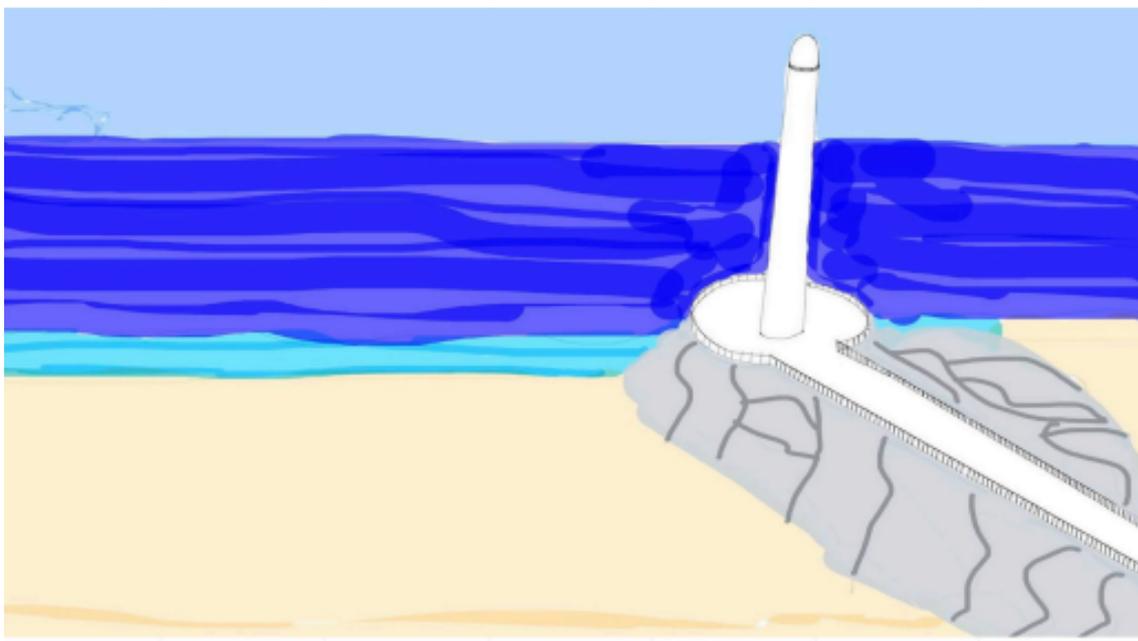
executar uma atividade na qual desconhecíamos e não tínhamos habilidade anteriormente serviu para tirar a ideia de que devemos focar nossas vidas muito mais no trabalho e nos estudos. Saber colocar um pouco de arte na vida faz com que tudo fique um pouco mais leve e feliz. No meu quadro, desenhei um cenário que possui beleza única e me transmite uma grande paz: uma noite de lua cheia, com o céu estrelado em uma região com densa vegetação.



2º quadro relacionado a Doenças Infecciosas, o autor retratou sua visão sobre a importância da vacinação.



**Gabriel Nojosa Oliveira**



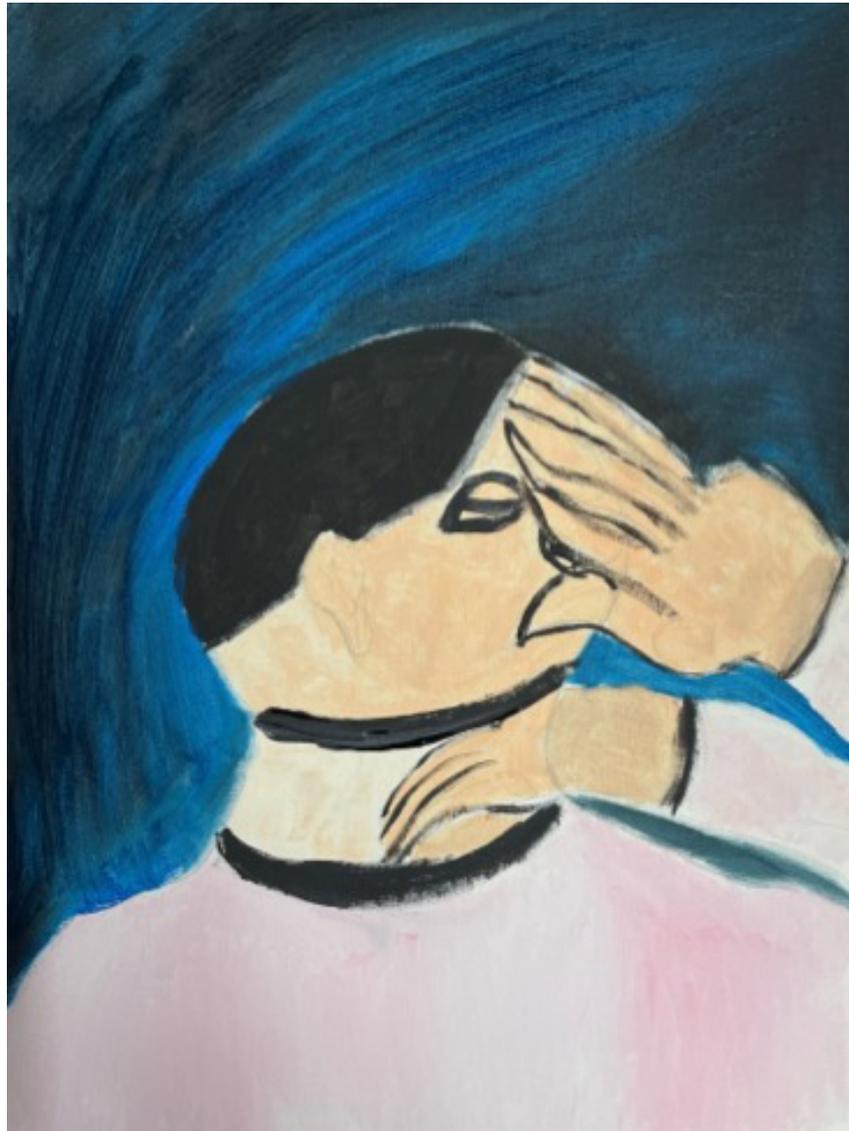
## **A PRAIA DO FAROL**

Sempre que temos estresse ou problemas demais em nossas vidas, procuramos um pouco de refúgio em algum local onde possamos ter mais sossego e paz. Cada pessoa tem seu próprio refúgio, muitas vezes iguais aos das outras pessoas. Quando estou com a cabeça cheia de pensamentos a ponto de perder o controle de tudo, eu procuro imaginar um lugar mais calmo e distante de todos os problemas. Com certeza, o que me vem à mente é a imagem de uma praia. Ela me faz lembrar o suave e doce significado de uma vida equilibrada.

Quando você para pensar nessa natureza, percebe o porquê muitas pessoas procuram essa imagem para se acalmar, porque ela representa toda a ideia que precisamos sobre espontaneidade. Uma onda que se forma, ela se transforma no seu tempo. Ela pode ser grande ou pequena, mas cada uma leva o seu tempo para se formar, e ninguém pode forçá-la a ser mais rápida ou mais lenta. Um surfista não pode querer ter a onda que quiser, quando quiser, nem quando puder. Não se pode forçar algo que nasceu para ser espontâneo.

As areias da praia ficam quentes quando o tempo fica quente e ficam frias quando o tempo fica frio. Elas apenas acompanham para onde a vida leva. Ao tocar com os pés, nos faz lembrar o doce tempo de ficar calmo e só seguir o fluxo, na velocidade que anda. O céu é azul porque é o céu, não importa se imita o mar ou se o mar reflete a imagem do céu. Não me preocupo se o céu está claro ou nublado, apenas deixo o céu ser ele mesmo. Permitimos que ele cumpra o seu papel de teatro, enquanto nos emociona com sua beleza que cobre todo o ambiente de cima.

Mar, areia e céu nos lembram a filosofia de ser espontâneo, de ser calmo e de ser honesto consigo mesmo. Acho que o corpo, quando entra nesse ambiente, entende e capta muito bem a mensagem que essa paisagem transmite. Muitos dizem que o corpo fala, mas, para mim, o corpo fala, o corpo entende e o corpo sente. Não há nada mais doce do que fazer o corpo estar em um lugar no qual ele mesmo pode se sentir calmo e espontâneo em sua própria natureza.



Comentando a arte: o homem com meningite.

Para um médico bem treinado, uma pessoa que possui febre, rigidez na nuca e dor de cabeça possui uma alta probabilidade de ter meningite. Ela é uma doença infecciosa causada por uma bactéria meningocócica ou um vírus que invade o líquido cefalorraquidiano, responsável por nutrir e proteger os nervos e outros gânglios nervosos contra choques mecânicos. No entanto, nem todos pensam assim, pois a rigidez, febre e cefaleia são para as pessoas uma única situação: dor. A dor é algo difícil de descrever e, principalmente, difícil de medir. Devido à tamanha subjetividade, não é fácil falar de uma certa dor de pessoa para pessoa. Ninguém conversa sobre sua dor com ninguém, porque não é algo que se compartilha facilmente.

Entretanto, quando o corpo sente dor, é sinal de que algo está errado. Mas o que está errado? Quando uma pessoa procura um médico, mais de 2/3 das queixas que o paciente possui é a dor. No entanto, existem várias causas para o que pode ser essa dor, e há vários casos em que a dor não é explicada ou a causa exata é desconhecida. Isso deve ser bastante angustiante!

Quando olho para esta arte que fiz, vejo uma pessoa com dor. Vejo que a dor de cabeça representa vários tipos de sofrimento diferentes, seja de um dia estressante, alta pressão, ou uma doença mais grave, como câncer ou traumatismo. A principal razão pela qual desenhei um homem com dor de cabeça é representar várias dores em um único desenho. Às vezes, essa dor pode ser idiopática, ou seja, não sabemos qual é a causa desse desconforto. Há casos em que a dor é tão sutil quanto um vírus ou uma bactéria, que ninguém percebe porque muitas vezes não se investiga profundamente a história da pessoa.

Mas a dor é apenas uma dor de cabeça? Não. Quando uma pessoa se esforça excessivamente e tenta correr contra o tempo, começa a se desgastar e, assim, começa a sentir dor no pescoço e nas costas, mais especificamente, os músculos ficam mais rígidos. Portanto, uma pessoa com meningite pode ter essa rigidez como se estivesse cansada e desgastada, simbolizando os trabalhadores que correm contra o tempo e procuram sempre uma nova forma de promoção a ponto de aumentar ainda mais seus ganhos ou ganhar mais prestígio.

Vale lembrar que quando uma dor se torna crônica, ela não é mais referida como dor, e, assim, as pessoas não procuram ajuda, como se todo o sofrimento fosse normal. A febre, que é um dos principais sintomas de uma infecção, pode simbolizar a agitação e um corpo que está debilitado. Como assim, debilitado? Quando uma pessoa tem alta temperatura, ela sofre uma desidratação maior do corpo, retirando água de dentro do

corpo. A água é a vida e, em muitos livros e filmes, ela representa a vida. Portanto, a febre é uma dor que aos poucos vai minando o corpo, representando as drogas que tomamos como um método de escape e que, aos poucos, nos prejudicam em troca de um prazer fácil e rápido, para sobreviver por mais tempo em uma vida de sofrimento.

Olhando para essa arte, posso ver o quanto o mundo pode estar doente e o quanto estamos vivendo em uma pandemia de meningite, muito maior do que o coronavírus, e ninguém está percebendo.



**Danielle Oliveira**



### **UM DIA DE ARTISTA**

Meus dias de artista acabaram em uma noite só. Em minha cabeça festiva, sempre tão alegre e cheia de cores, eu penso que o mundo é um lugar colorido feito um carrossel, onde cabem os lilases, os verdes, os azuis, os amarelos e os encarnados. Em minha mente de sonhos, o mundo real se mistura à fantasia das noites insones e dos dias sonolentos, onde o plural e o singular andam de mãos dadas com a esperança de dias de festa e cor. Em minha mente distraída, sopram os sons da cidade com suas buzinas, carros, sirenes e fumaças misturadas aos sons suaves dos pássaros, das árvores e das cantigas de ninar que outrora cantei.

Em minha mente tranquila, a dureza dos dias me transporta a um tempo de infância doce e serena, onde a curiosidade se mistura com o medo e vence o mais forte, vence o joelho arranhado, a fruta colhida e o beijo roubado.

Em minha mente vazia, sobram os vazios, da alma, do pensamento, das horas mortas, das saudades, das lembranças, das inquietudes do não saber.

Em minha mente de chave, eu abro portas, tranco medos, abro janelas, tranco rancor, abro luzes, tranco sombras, abro esperança, tranco opinião.

Em minha mente fluida, rolam as dores, os amores, a vertigem e a escuridão. Rolam as certezas, os achados, os perdidos, os inúteis e o Pantaleão.



2º quadro relacionado a Doenças Infeciosas, a autora retratou sua visão sobre as notícias nos jornais e seu impacto na sociedade.



## Luiz Gerson Gonçalves Neto



### VASO DE FLORES

Nunca fui próximo da minha avó paterna... Fui pouco em sua casa. Confesso que sempre fomos distantes, mesmo que desde criança, ela tinha 11 netos! Grande mulher, estudiosa, passou em concurso difícilíssimo do TRE, escreveu livros, livros e livros. Sou orgulhoso de vir de uma família estudiosa: meu pai médico ortopedista-traumatologista – parte da Santa Casa/SP, parte do Frotão/CE. Minha mãe, enfermeira/UFC, mestrado/UFC e doutorado/UFC. Minha vó materna lutou para dá-la de tudo. Minha vó paterna passou aos 40 anos em concurso público.

Deus deu-lhe as condições para tal. Lembro-me de que ela, em todos os meus aniversários, sempre me dava um tipo de recompensa financeira. Ao que tenho de lembranças, lá, na casa da minha avó paterna, tinha um retrato de vaso de flores, feito por ela mesma, em sua plenitude. Essa obra me fascinava: “Como pode uma mulher ter feito tanto, criado quatro filhos, passado em concurso público, lançado uma infinidade de livros e ainda ter tamanho talento para ter tal desenvoltura na arte?” Assim eu pensava. Tal esforço feito por mim tenta se aproximar, minimamente, à sua obra mais linda. Saudades das poucas vezes que passamos tempo juntos, vovó. Quero vê-la de novo, em breve!”



QUAL SUA OBRA DE ARTE  
PREFERIDA?

8

## QUAL SUA OBRA DE ARTE PREFERIDA?

**S**empre temos uma obra de arte que nos toca mais o coração, aquela que faz vibrar alguns acordes dentro do peito. Talvez não seja uma única obra, talvez sejam várias, dependendo do momento. Fato é que o mundo está cheio dessas obras-primas que nos fazem prender o fôlego por alguns segundos. Para quem gosta de arte, não há nada mais inspirador do que visitar essas obras ao redor do mundo. Muitos alunos já viajaram e conheceram essas maravilhas, outros são mais jovens e ainda buscam inspiração. Particularmente, tenho minhas paixões, como visitar a Fontana di Trevi e me encantar com as estátuas e a música que vem do barulho das águas. Mas, falando em música, nada como a sensação de quase flutuar ao ouvir as músicas do Fantasma da Ópera no teatro (já vi 3 vezes e confesso que estou em busca da 4ª). Mas quanto à pintura, amo intensamente a paixão de Van Gogh, porque é simplesmente emoção na sua mais pura essência. Mas o que a nossa turma acha? Vamos lá!

### **Maria Clara Nogueira**

O psiquiatra Ítalo Marsili fala em seu livro 'Elogio aos quatro temperamentos' que, na maioria das vezes, o problema não é ter uma rotina estressante, mas a nossa desatenção. Uma desatenção diante do que realmente importa. Com o dia a dia ocupado, esquecemos de olhar com

calma para os pais, contemplar o céu, agradecer pelo alimento em nossa mesa, entre outras coisas. Entendendo isso, é necessário que possamos exercitar nosso olhar poético para vivermos o ordinário extraordinariamente. A arte tem esse poder de trazer beleza à rotina. Definitivamente, a leitura e a fotografia são as formas de arte com as quais mais me identifico. Ler um livro é mergulhar no seu universo, apreciando o ponto de vista de cada autor, a escrita de cada um, o tanto de conhecimento adquirido. A partir da leitura, consigo viajar na minha imaginação, fugindo um pouco da realidade, para entender melhor os autores. É algo que me faz pensar, sair de mim. Já a fotografia tem o poder de resgatar memórias que podem ficar perdidas com o tempo. Não precisa de palavras para poder transmitir uma mensagem. Tem o poder de impactar e trazer diversos pontos de vista, basta olhar sob outra ótica ou circunstância. Essas artes despertam nossos sentidos, fazem-nos ter um novo olhar sobre as coisas do mundo. Elas tiram um pouco do ponto de vista da razão - que, em mim, é muito predominante - e trazem o lado da emoção, essencial para a vida.



### **Marília Carolina Paiva Florêncio**

A arte move o ser humano através do ver, do ouvir e do sentir. Ouso dizer que ela permite que nos debrucemos sobre a essência do que somos. Os detalhes da nossa história estão nas nossas memórias, que são feitas de cores, formas, sons, cheiros e sabores. Existe forma mais intensa de estimular os sentidos que não seja por meio da arte?! Talvez aqueles que se entregam a alguma atividade artística tenham uma maior capacidade de capturar com os olhos do coração aquilo que nenhuma fotografia é capaz de registrar. Quão sensíveis podemos ser ao outro quando conseguimos entender o que ele sente... Tentar interpretar a arte

de alguém é um exercício de empatia. E quão mais gentis conseguimos ser conosco quando nos permitimos externalizar os sentimentos que nos invadem... O que nos preenche, seja bom ou ruim, tem imenso potencial de transbordar em forma de arte. Seria injusto dizer que existe uma arte mais profunda e bonita do que outra. Meus olhos, meus ouvidos e meu toque têm sede de novas experiências. Amar arte é sinônimo de ser curioso. Mas, se tenho que escolher alguma, arrisco-me a dizer que a escrita me encanta, afinal, é por meio dela que sou capaz de me sentir, de certa forma, artista. As palavras preenchem os meus silêncios. Cada letra se encaixa de forma milimétrica, como as peças de um quebra-cabeça. E tudo aquilo que me agita o coração flui em direção ao que me traz paz. E o que me faz feliz também vira verbo.



### **Giulia de Carvalho Firmino**

Meu estilo de arte preferido sempre foi a literatura, que me acompanha desde tenra idade. Sou uma apreciadora de bons livros e alguns livros bem ruins também, como acredito que seja o acervo pessoal de favoritos da maioria das pessoas, com alguns livros e filmes de gosto duvidoso. Como uma preferência particular, encontrei um estilo literário que me fisgou desde as primeiras páginas, o realismo sujo. Com alguns nomes como Vonnegut e Bukowski, meu favorito sempre foi Palahniuk, o qual até hoje economizo os títulos para não os ler rápido demais e ficar à mercê da inconstância do autor. Dentre os livros que já pude percorrer do autor, figura entre eles o meu favorito, *Fight Club* ou *Clube da Luta* na versão aportuguesada do filme com Brad Pitt. Há os que amam e os que odeiam; estou no grupo que ama e simplesmente se recusa a assistir à versão cinematográfica para não afetar a narrativa de um personagem de rosto simples e sem nome que é o narrador do livro, mas acaba sendo

deslocado a um personagem secundário devido à eloquência de sua personalidade alternativa cativante que, este sim, tem nome apesar de não existir na realidade, Tyler. Com uma história que começa em seus minutos finais, fiquei extremamente cativada pela ideia de explodir edifícios com uma mistura caseira de ácido nítrico e serragem ou produzir sabão orgânico com os subprodutos de lipoaspirações de uma senhora de meia idade com uma pulsão irrefreável por procedimentos estéticos invasivos.

Acho extremamente cativante e estimulante a derrocada da dignidade humana e o poder de um líder carismático dentro da narrativa, por mais suja (com o perdão da palavra) que esta seja. O encanto que tenho pela minha arte preferida talvez seja muito mais relacionado ao que a mente humana pode imaginar dentro do mais corriqueiro cenário com o mais ordinário personagem, do que propriamente uma história fantástica de um mundo de possibilidades impossíveis.



## **Lucas Barbosa Sampaio**

O formato de arte que mais me atrai é visual, com destaque para as tradicionais pinturas. Como até anos atrás não existiam equipamentos, como as máquinas fotográficas, que conseguissem capturar, com exatidão e frequência, momentos importantes da história humana, o surgimento da pintura em tela foi um grande acontecimento tanto na arte quanto no registro histórico. Em muitos dos grandes acontecimentos históricos, a pintura era a única forma de transmitir uma ideia visual sobre aqueles momentos. Como exemplo, temos o quadro ‘Independência ou Morte’, do artista brasileiro Pedro Américo, que é considerado a representação do momento da Independência do Brasil e que está enraizado na memória de muitos brasileiros. Mais antigo ainda, temos grandes obras de arte representando a Queda da Bastilha, importante momento na his-

tória francesa e mundial, registradas em pintura e fixadas, dessa forma, na memória popular dos povos. Pinturas, portanto, desempenharam – e seguem desempenhando – um grande papel no registro histórico e na construção da memória dos povos e, para mim, merecem grande destaque no meio artístico.



### **Thainã Silva**

Não sou uma pessoa de “preferidos”. Nunca tive uma coisa à qual pudesse atribuir esse título. Se gosto de algo, mergulho no universo, de beleza ou feiura, que esse algo tem a me oferecer e o experiencio. Porém, no que diz respeito às artes, seria injusto não atribuir um lugar especial àquela que abriu e segue abrindo meu olhar para o mundo e que serve de substrato para que eu possa contemplá-lo: A literatura. Meu primeiro contato com o imaginário artístico, pelo menos o que tenho como relevante, provém da escrita. Livros sempre despertaram em mim um encanto, uma curiosidade, como se aquele objeto cheio de folhas e palavras fosse algo mágico, cheio de sabedoria e, de certa forma, acessível a poucos, como tudo que é especial. Isso fez com que eu desejasse ler.

Meus intervalos na escola passaram a ser na biblioteca. Baobás em pequenos asteroides, bonecas falantes, órfãos delinquentes, anéis do poder, sociedades secretas, escolas de bruxaria. Foi ali que entendi que tinha oportunidade de conhecer coisas, viajar e imaginar com um simples livro em mãos. Livros não eram mais inacessíveis e misteriosos, pelo contrário, eram fonte de acesso a outros mundos. À medida que cresci e amadureci como leitora, fui entendendo que o papel da leitura ia além de me transportar para um mundo imaginário.

A literatura passou a representar a minha realidade, a história do

meu mundo e todas as nuances que o compõe. Passei a ser apresentada a realidades humanas, a tipos, a personalidades e isso é, sem dúvida, o que há de mais precioso no exercício da leitura. Por meio das diversas realidades a que fui apresentada, pude observar o mundo e as pessoas ao meu redor com mais cuidado, pude entender melhor as particularidades, os sofrimentos dos outros, além de traçar paralelos com a minha própria realidade. A leitura te aproxima dos outros, te traz para a vida de alguém, que mesmo sendo representado na ficção, pode estar, de alguma forma, no mundo concreto. Para mim, não há algo mais magnífico, enquanto arte, que isso.



## **Gabriel Nojosa**

Quando falamos de uma arte que mudou muito a percepção do homem, pensaria mais no Homem Vitruviano, de Leonardo da Vinci. Um desenho simples que representa uma transição de uma época e uma nova visão com outras perspectivas. A mente humana nunca é a mesma quando tem novas visões e conhecimentos, então o homem abre os braços para o mundo. Quando vejo essa arte, vejo uma pessoa contando sobre o homem com uma nova visão. Muitas vezes, uma arte é uma expressão do próprio autor em sua própria época, e na arte humanista, na qual predomina a razão, o cálculo e também a valorização do corpo humano, vemos uma manifestação com significados profundos para o homem. Cada gesto, cada cor, cada dimensão, todos esses fatores podem favorecer o entendimento da arte como ela é. Na primeira vez que vi essa arte, eu não tinha muito conhecimento prévio da época em que foi desenhada e, conseqüentemente, vi apenas um homem nu parecendo ter uma espécie de deformidade com 4 braços e 4 pernas. Isso era para mim muito semelhante aos deuses indianos da religião hinduísta. Mas, com

uma pesquisa aprofundada e o conhecimento do contexto e do seu autor que a criou, pude ver a verdadeira essência dessa obra de arte. Tão simples, mas, ao mesmo tempo, genial. Ela representa a transição do pensamento do ser humano para outro nível, não um homem com 4 braços, mas um homem em sua plena transformação. O homem que estava preso na ignorância e nos padrões da época, em uma espécie de quadrado, mas, com muita força de vontade e iluminação por meio da racionalidade, o homem expande a sua mente e começa a abraçar o mundo para novas ideias a florescer. Este foi um dos momentos marcantes em que uma arte nunca é a mesma após a segunda vista. O ser humano sempre buscou evoluir com as novas ideias e se transformar quando adota certas filosofias e ideologias que justificam seus atos, suas lutas e sua persistência. Ele é o que nos molda para continuar no combate, mesmo em momentos de maior desânimo. Talvez, o que faz o médico continuar lutando em uma saúde seja a sua crença formada pela filosofia de Hipócrates, que jurou cuidar daqueles que são enfermos e sempre respeitar o princípio da benevolência ao paciente. Isso soa como uma obrigação e uma grande responsabilidade que molda o profissional a abraçar ainda mais os diferentes e lutar, mesmo em momentos de péssimas condições de atendimento e mesmo em situações difíceis. A cada ideia que é formada, o homem muda sua essência. A arte do Homem Vitruviano me faz lembrar que o homem tende a romper os padrões pré-estabelecidos e abraçar novas ideias que o transformam a ponto de ter um novo significado em sua essência. Por isso, não só porque o homem que a criou foi o fabuloso Leonardo da Vinci, nem porque ela é uma arte clássica referenciada em muitos desenhos animados, filmes ou livros, mas é uma arte que representa o homem em sua transformação, rompendo com o que é costume ou tradicional de pensar e agir, para permitir-se mudar e encontrar um novo significado em sua vida. Apesar de ter sido bastante

simples de pensar e fazer, ou seja, com apenas um lápis ou um papel velho, nos diz muito sobre a humanidade que está sempre evoluindo no ser e no pensar.



## **Gabriel Nojosa**

A música.

Tudo começou quando o homem primeiramente descobriu a palavra para poder transmitir suas ideias aos seus semelhantes da mesma espécie. Essa transmissão de mensagens fez com que os seres humanos compartilhassem a mesma ideia e planejamento, conseqüentemente fazendo com que duas ou mais pessoas realizassem uma ação em comum para atingir o objetivo de sobrevivência, e isso foi o que deu origem ao que chamamos atualmente de comunicação. A comunicação é a principal ferramenta que usamos para interagir com outros seres humanos. Ao longo do tempo, a humanidade usou sua criatividade para mudar sua comunicação com o intuito de encontrar outras formas de expressar suas emoções. Os sentimentos que carregamos devido aos acontecimentos externos que sofremos ou vivemos são uma característica humana. Eles são mais lembrados e expressados ao longo das eras da humanidade. A comunicação oral passou a predominar nas eras pré-históricas, mas depois veio a escrita, que marcou a história. A escrita começou com pessoas mais cultas, mas, com o tempo, passou por um processo de massificação a ponto de que a comunicação pudesse ser feita para outras pessoas que não faziam parte da nobreza ou que não tinham educação em instituições de ensino prestigiadas, o que era um privilégio para apenas uma minoria. Surgiu então uma nova forma de brincar com as palavras e expressar melhor a comunicação: a poesia. A poesia nos deu uma nova forma de colocar emoção na comunicação. Isso nos ofereceu uma nova

maneira de ver a “vida” no texto e é uma forma criativa de brincar com as palavras para dar uma sonoridade àqueles que estão ouvindo. Mas, quando você combina essas letras poéticas com melodias de diferentes timbres, começa a surgir uma nova forma de expressão. Foi assim que nasceu o que é considerada minha manifestação artística favorita: a música. A música é uma forma de expressão com letras e melodias que podem transmitir a mensagem e proporcionar conforto para o ouvido do receptor. Ela pode ser tanto uma forma de entretenimento quanto uma crítica, fazendo as pessoas refletirem sobre algo que nunca haviam pensado. Há casos em que a música é uma expressão do “eu”, quando o tema se concentra no próprio emissor da comunicação. Existem muitas músicas que falam sobre solidão, felicidade, morbidez, paixão, depressão e amor. Elas podem representar o que o emissor vê nas pessoas ou na situação vigente de sua época, assim como ser uma expressão de seus próprios sentimentos. A música nos permite entender melhor o que se passa na mente daqueles que a criam e tentam interpretar a mente que está passando por um momento específico. Isso nos ajuda a estudar os diversos tipos de mentes humanas que vivem entre várias outras pessoas que são consideradas complementarmente diferentes ou fora do padrão da sociedade, que cada vez mais rotula em números e dados. Por mais eficiente que seja para a organização do sistema, o uso excessivo pode comprometer a identidade individual da pessoa registrada como um simples número, tornando suas expressões cada vez mais frias e afastadas da verdadeira humanidade. É comum que as pessoas usem a música como forma de escapar, pois muitas melodias podem evocar memórias de momentos felizes, praias, campos verdes longe da cidade e lugares tranquilos com seus amores, permitindo que escapem de ambientes estressantes ou situações traumáticas. Não podemos negar a influência e o impacto que a música causa nas pessoas, e eu pessoalmente tenho vivido

tantos momentos bons e ruins que marcaram minha história de vida. A cada ano que passa, novas músicas e novos estilos criados pela criatividade oferecem novas formas de expressão. Essa variedade de estilos e timbres existe porque cada pessoa é diferente, e à medida que você conhece um estilo, você pode se inspirar e criar seu próprio. A música está sempre mudando, assim como a humanidade. Essa forma de arte me emociona até mesmo na medicina, pois nos ajuda a entender a expressão do paciente ou a transmitir uma mensagem de calma e tranquilidade em momentos difíceis. É por essa razão que pessoas tocam violino durante cirurgias ou músicas instrumentais para acalmar o paciente e desviar sua atenção de doenças e pensamentos negativos. É uma forma de comunicar com o paciente e curar seu estado de espírito. A música move o mundo com as emoções de cada pessoa que a ouve. Não podemos negar que essa arte me fascina, e ela é uma força motriz para expressar emoções e sentimentos. Não podemos negar que novas formas de criatividade estão sempre presentes e geram novas formas de expressão musical. A cada dia, a classificação dos tipos de música fica mais complexa, pois a criatividade permite criar novos estilos de expressão. Essa variedade de música nos permite entender e sentir a expressão de diferentes culturas e pensamentos. A música é uma manifestação de arte que transcende barreiras e nos permite nos conectar uns com os outros, independentemente de nossas origens. A música é uma linguagem universal que nos une e nos lembra de nossa humanidade compartilhada.



**Danielle Oliveira**

Sem deixar margem para dúvidas, minha preferência repousa sobre os textos escritos. A leitura ao longo dos anos tem sido minha companheira nas horas de silêncio dos dias de espera, no confinamento de

viver longe de outras opções de lazer e na ausência de amigos. Quando não havia nada a fazer, os livros se acumularam ao meu redor. São tantos que alguns nem me lembro mais deles, nem sei onde estão, ou se ainda estão comigo.

Na desordem dos meus pensamentos, não gosto de ganhar livros. Prefiro escolhê-los, ou eles me escolhem pelo título ou pela capa. Hoje, fazem fila, empilham-se próximos às minhas atuais obrigações, esperando sua vez de serem folheados por mim. Alguns são leitura voraz, outros são leitura lenta, e meu coração demora a acolhê-los. Sou inconstante, como uma mulher de fases. Durante muito tempo, só lia ficção estilo folhetim de romance açucarado. Em outros momentos, escolho textos biográficos e, em rompantes, penso: “Serei culta, vou ler os clássicos.” Nestes fracasso miseravelmente e volto a ser comum.

Decoro trechos de poemas que me acompanham como mantras ou jargões. Já fui a Pasárgada ser amigo do rei, já estive com Jesus num lindo dia de primavera. Escrevi em meus pensamentos cartas de amor para poder ser bem ridícula.

Penso que há um pouco de egoísmo nessa minha relação. Não há troca, não deixo nada meu com eles, mas eles deixam em mim pensamentos, histórias que posso livremente me apropriar, aprender e refletir. Penso que os textos são generosos, emprestam suas palavras para que eu possa encontrar as minhas. Não sei quantas vezes, na eminência de entregar um verso em um cartão ou uma carta, primeiro recorri aos textos para enfim encontrar minhas palavras.

Sou uma mulher de hábitos, não uso palavras de outros sem lhes conferir o devido crédito. Não gosto de sombras, prefiro a transparência nas coisas e nas pessoas. Não tenho tempo a perder com inverdades. Gosto da simplicidade das palavras que constroem versos onde não preciso desvendar significados ocultos.

Gosto das letras das músicas, talvez por isso não escute músicas em idiomas diversos do meu, já que não as entendo.

Por fim, deixo com vocês um pouco de mim, enfim me redimo.



QUAL O MEU ELÃ?

9

## QUAL O MEU ELÃ?

**C**omo a própria definição do nome dessa extensão tão incrível, buscamos saber a o que inspirava nossos alunos. Porque nós enquanto professores sabemos exatamente o que nos inspira a continuar essa construção diária do fortalecimento científico, cultural e ético dos nossos estudantes, e que não é nada mais do que a existência deles em nossas vidas. A cada olhar curioso, cada pergunta no meio da aula, cada franzir de cenho na busca pelo racionalizar, são nada mais que meros sinais para que nossa jornada continue. E para vocês? O que os inspira?

### **Danielle Oliveira Costa de Souza**

Em mim habitam as coisas comuns, a esperança, o ouvir, ver e viver, o cheiro, o toque, a palavra.

As vezes ando tão ligeiro que me perco de mim, olho em volta, não reconheço bem onde estou, mas logo tomo o prumo de novo, acerto o passo e retomo a caminhada.

As vezes prefiro a solidão dos meus pensamentos e palavras, noutras me sinto feliz da caminhada em conjunto que tanto pode haver verbos como pausas. Sei da fortaleza que faz morada no meu coração, da fé, da segurança dos meus passos, das minhas certezas construídas em castelos de areia, já morei em castelos de areia onde era a princesa, o vento veio

e soprou, destruiu... chorei, pensei que não sabia construir de novo, me enganei, posso chegar mais longe, posso sentar-me, posso levantar-me e continuar.

Hoje a força motriz é de viver um dia por vez, num esforço de ser somente a minha melhor versão, se não for, tudo bem também.



### **Isabella Araujo Duarte:**

Quando criança, sempre fui muito criativa, espontânea, curiosa e interessada por assuntos diversos. Na escola, fui estimulada a aprender mais sobre literatura, artes, música, fotografia, teatro... No entanto, sinto que não fui capaz de aprofundar esses aspectos e habilidades o suficiente, e sempre foi um desejo voltar a ter contato com tais atividades tão importantes e ricas para nossa formação como ser humano.

Decidi participar do grupo ELAM, apesar de com certo receio, por me achar inferior ou não tão conhecedora de tais áreas, tive a coragem de enfrentar os desafios que surgiram, as atividades propostas, encenações, escritas. Senti que pude e ainda estou destravando uma chave que estava trancada dentro de mim. É muito nítido no dia a dia, pois consigo me expressar com mais facilidade, falar as coisas que penso, ter uma opinião própria com relação a diversos assuntos e discernimento para outros.



### **Maria Clara Alves Nogueira**

A definição de *elã* pelo dicionário se relaciona a um movimento súbito, um impulso ou ainda uma forte emoção, vivacidade. Acredito que o cerne desse projeto esteja realmente nesse sentido, trazer algo diferente, que possa entregar emoção e mudança na vivência de como se

experiencia a medicina. E além de mudar a experiência também possa mudar algo nas pessoas que praticam a arte, que rotineiramente são tão reduzidas nas suas individualidades e tão louvadas por seus feitos dentro da profissão. Acredito que possa ser a fonte de grande crescimento pessoal e uma forma de exercitar a leitura, a escrita e outras habilidades mais que auxiliem no desenvolvimento pessoal de cada um e que possamos descobrir (ou redescobrir) o elã que existe em cada um de nós em nossa curta vida para além da arte longa que nos propusemos a praticar.



### **Marília Carolina Paiva Florêncio**

A Literatura e a Arte sempre fizeram parte da minha vida, mas nunca foi algo incentivado pelos meus pais, então não consegui explorar tanto esse mundo. Mas... quando paro para pensar, pratiquei ballet e jazz quando mais nova, teatro na época do colégio, amo ler e adoro tirar fotos, entre várias outras coisas. Com a rotina, o dia a dia, tudo vai se perdendo. Como pude deixar tudo isso adormecer em mim? Então, o ELAM é isso para mim. É um despertar. É esse voltar o olhar para o que é essencial. É o que me permite pensar fora da caixinha.

A Medicina é tão bela. Toda a sua prática, a relação médico-paciente, o raciocínio clínico... tudo tão belo! As artes trazem outra visão de mundo, podemos ver com outro olhar. E como isso é importante na Medicina. Não fazer mais do mesmo, não ser aquele médico que já atende no automático, mas tornar tudo mais empático e cheio de vida. O ELAM permite esse elo, essa ligação.



## **Lara Lustosa**

O início do ELAM foi muito especial, pois me permitiu acessar um lado meu que aos poucos foi se perdendo com as obrigações da rotina de estudante de Medicina. Eu sempre gostei de escrever, desde criança, e uma das minhas matérias preferidas era Português. Ao longo do meu caminho no colégio, participei da publicação de livros de poesia da escola, de coral e de peças de teatro. Fiz viagem pedagógica para aprender mais sobre arte nos museus da Europa. É impactante perceber como tudo isso, que fala tanto sobre a pessoa que eu sou, ficou adormecido. A arte precisa ser estimulada e exercida com constância dentro de nós, correndo o risco de se perder no nosso passado caso não olhemos para ela. O ELAM para mim é isso. O ELAM é conexão e reconexão.

Vejo o grupo como uma oportunidade maravilhosa de me voltar para o mundo e para mim. Assim, estarei também me voltando para a Medicina, já que ela nunca foi e nunca será apenas resumida a doenças e tratamentos. Medicina é sobre vida e empatia. Existe forma mais sublime de sentir a vida do que experimentando-a por meio da arte?! Como ser empático sem treinar o olhar interpretativo e sentimental?! Medicina é a arte de conciliar o ser e o estar, para nós e para o outro.



## **Lucas Barbosa Sampaio**

Confesso que primeiramente ao ver o anúncio das inscrições para o ELAM contando com a presença da Dra. Melissa que, desde que a conheço, tornou-se para mim exemplo de médica, professora e mulher polivalente foi meu primeiro estímulo a inscrever-me. Entretanto na hora de escrever a dissertação, me vieram lembranças do porquê tal projeto teria ligação comigo.

Desde criança fui incentivada a ler, principalmente pelos meus tios escritores que sempre me davam livros de presente no natal. Apesar de a leitura não ser algo que ficou tão presente em mim, gosto e sinto curiosidade de ouvir histórias, pensamentos, discussões e músicas. Esta última, tão influenciada pelo meu pai, um grande leitor, orador e religioso que me acordava com música clássica e que além disso, narrava diversas histórias, inclusive da bíblia para mim. Além disso, sempre gostei de entender o inexplicável em pinturas e obras e o que tem por trás do sentimento do artista.

Após entender a proposta do projeto senti vontade de me reconectar com a arte, a escrita e aprimorar o pensamento crítico e as habilidades de observação e comunicação, melhorando ainda mais a relação médico-paciente através da empatia. Assisti desde a infância meu pai realizar atendimentos médicos no consultório particular e à população carente, e não ver distinção entre o tratamento e a relação com os pacientes me levou a encantamento com a medicina. E atualmente, no internato, me sinto feliz e realizada, crescendo como ser humano e médica, sendo o carinho dos pacientes pela atenção prestada mais um adicional nessa profissão que definitivamente é muito gratificante.



## **Gabriel Nojosa**

O substantivo ELÃ, dentre múltiplas definições, significa algo que nos impulsiona e pode ser entendido como uma energia que nos direciona no caminho dos nossos objetivos ou sonhos. Após essa breve explicação, no entanto, qual seria a força motriz que me motiva a seguir? Bem, para mim, o meu ELÃ é pura e simplesmente a busca pela felicidade.

Pelo seu aspecto subjetivo, a felicidade é constantemente mutável.

Não é possível chegar a um ponto na vida em que alcançamos o objetivo de ser feliz sem que isso não seja passível de mudar em instantes. Por não ser fim, a felicidade está sempre na sua busca e não na sua concretização. Nunca somos felizes de forma definitiva, mas, pelo seu caráter transitório, em muitos momentos da vida estamos felizes.

Apesar de colocado de forma simplificada, enxergo o meu ELÃ como a busca pela felicidade de forma extremamente complexa. Se a felicidade não é fim, quando poderei dizer que alcancei meu objetivo? Então, aí está a parte engraçada, posso dizer nesse exato momento que estou feliz, mas não posso dizer que amanhã estarei. O desafio, perceba, é evitar fugir desse estado transitório e, para isso, preciso continuar buscando sempre meus sonhos, que são mutáveis, muitas vezes frívolos, mas que definem quem eu sou e me fazem seguir.

Nessa caminhada, existirão inúmeros momentos tortuosos que colocarão essa busca pela felicidade à prova. Existirão momentos em que até mesmo questionarei se sou feliz. Mas assim como não existe luz sem escuridão, não existe felicidade sem tristeza. Ambas fazem parte da vida e inexistem na ausência da outra.

Viver uma vida plena, conhecendo pessoas, lugares, coisas e vivenciando suas fases e relações, que em muitos momentos podem ser boas ou ruins, portanto, é a forma que eu enxergo felicidade. Uma vida para rir e chorar. Uma vida sentida, para mim, é a única que faz sentido.



PRIMEIRA MOSTRA DE  
ARTE DO ELAM

10

## PRIMEIRA MOSTRA DE ARTE DO ELAM

**E** como poderíamos terminar melhor este ano de muitas emoções que fortaleceram a conexão dos alunos do ELAM com a arte do que mostrar a eles toda essa construção? E foi assim que nasceu a '1ª Mostra de Arte do ELAM', onde foram expostos os quadros e fotografias dos nossos jovens artistas. Que sua criatividade encha as paredes da faculdade de medicina, que ela sinta cada emoção construída dentro das suas salas de aula pelos seus alunos que aceitaram o desafio de sair da sua zona de conforto. Largar os livros e computadores por algumas horas e pegar no pincel e tinta, olhar diferente pelo zoom da câmera do celular, se permitir sentir novas emoções. Nessa noite tão mágica, foi apresentado um vídeo em formato de documentário sobre o ELAM, feito durante nossa visita no MISS (MIHSSS) e com participação dos nossos professores e alunos. Obrigada a todos que participaram dessa jornada incrível que foi o ELAM 2022. Com certeza, nossas memórias nos trarão de volta a esses momentos durante nossa vida, que tenhamos plantado uma semente em seus corações para que a criatividade esteja sempre brotando do seu trabalho na medicina. Que essa caminhada seja sempre fonte de inspiração.



Foto: turminha do ELAM



Foto: visitando a exposição de pintura e fotografia



Foto: Visita com as professoras



Foto: ELAM turma 2 e visita da turma 1



Foto: Orgulho de fazer parte do ELAM

ISBN: 978-65-89839-47-7

**ORL**



9 786589 839477